



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

LUÍS CARLOS ROLIM DE CASTRO

O CORDEL SEM CORDÃO, UM FOLHETO EM CADA MÃO
EXPERIÊNCIAS DE LEITURA COM O TEXTO DE CORDEL

FORTALEZA

2016

LUIS CARLOS ROLIM DE CASTRO

O CORDEL SEM CORDÃO, UM FOLHETO EM CADA MÃO
EXPERIÊNCIAS DE LEITURA COM O TEXTO DE CORDEL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Artes do Instituto de Cultura e Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Artes. Área de concentração: Literatura de Cordel.

Orientador: Professor Dr. Marco Túlio Ferreira da Costa

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C351c Castro, Luis Carlos Rolim de.
O Cordel sem Cordão, um Folheto em cada mão: Experiências de Leitura com o texto de Cordel / Luis Carlos Rolim de Castro. – 2016.
98 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Marco Túlio Ferreira Costa.

1. Literatura de Cordel. 2. Prática de Leitura. 3. Motivação. 4. Experiência. I. Título.

CDD 700

LUIS CARLOS ROLIM DE CASTRO

O CORDEL SEM CORDÃO, UM FOLHETO EM CADA MÃO
EXPERIÊNCIAS DE LEITURA COM O TEXTO DE CORDEL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Artes do Instituto de Cultura e Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Artes. Área de concentração: Literatura de Cordel.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Túlio Ferreira da Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Henrique Sérgio Beltrão de Castro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Joandre Rodrigues Dias de Camargo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao meu pai, Antônio Vieira de Castro, mais conhecido por “Toin Velame” que fez do circo a graça de viver, e fez da vida a arte de ser feliz. E a minha mãe, Iracema Rolim de Castro, que soube “suportar” ser mulher de um artista de todas as artes.

Às mães, Juracy Rodrigues e Lúcia Maria Lima, pequenas grandes mulheres que pariram filhos do poeta, e aos frutos dessas mães guerreiras: Thiago Rodrigues de Castro, Luma Lima de Castro e Lucas Lima de Castro.

AGRADECIMENTOS

À maior energia universal que eu chamo de Deus.

Ao maior dos Mestres vivos na memória universal: Jesus Cristo.

Ao Mestre do violão que acreditou no meu pensar literário: Dr. Marco Túlio Ferreira da Costa.

Aos Doutores Henrique Sérgio Beltrão de Castro, Joandre Rodrigues Dias de Camargo e João Emanuel Ancelmo Benvenuto, que, parcimoniosamente, participaram das bancas e com a humildade e generosidade dos grandes mestres me deram lições de sabedoria, e me fizeram acreditar que sou capaz de fazer um trabalho ainda melhor, e me tornar uma pessoa mais capaz.

Aos professores e colegas que dividiram lágrimas e sorrisos em momentos de emoção em sala de aula.

A todos aqueles que conduziram as suas energias positivas para que eu fosse motivado a semear literatura.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos amantes desse universo sem fim chamado Literatura de Cordel.

“Ser poeta é ser artista
Das letras e emoções
Da alma apurar a vista
Pra visitar corações
E depois com sentimento
Eternizar o momento
Nas mais sonoras canções”.

(Lucarocas)

RESUMO

A literatura escrita em forma de versos e impressa em folhetos que, popularmente, é conhecida como Literatura de Cordel tem tido, nos últimos tempos, uma enorme expansão no seu processo de pesquisa, leitura, escrita, publicação, divulgação e, de maneira surpreendente, como uso de recurso didático para o ensino e a pesquisa nas mais diferentes áreas do conhecimento, de sobremaneira nas escolas públicas do Nordeste brasileiro. Dentre as práticas pedagógicas que enfatizam o cordel, a leitura é a que tem ganhado mais destaque, razão pela qual este trabalho foi pensado para procurar compreender motivos que levem o cordel a ser utilizado como instrumento didático para a leitura, e buscar entender como o texto de cordel pode contribuir para que o aluno tenha interesse pela leitura e, conseqüentemente, um melhor desempenho em relação ao seu desenvolvimento cognitivo, e a descobertas de novas possibilidades de ler o mundo. Ações metodológicas como aplicação de questionários, entrevistas previamente elaboradas, observações e análises de dados sobre o cordel e a leitura foram fundamentais para a coleta de dados com os quais se trabalhou para perceber a importância da Literatura de Cordel para a motivação e melhoramento na prática de leitura do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel, Leitura, Motivação, Experiência.

RESUMEN

La literatura escrita en verso e impreso en los cuadernillos que popularmente se conoce como cordel. La literatura ha tenido en los últimos tiempos, una enorme expansión en su proceso de investigación, la lectura, la escritura, publicación, difusión y, sorprendentemente, como el uso de recursos educativos para la enseñanza y la investigación en diferentes áreas del conocimiento, en gran medida, en las escuelas públicas del noreste de Brasil. Entre las prácticas pedagógicas que enfatizan cordel, la lectura es la que ha adquirido más importancia, por lo que este trabajo fue pensado para tratar de entender las razones que llevan cordel para ser utilizado como una herramienta educativa para la lectura, y tratar de comprender cómo el texto cordel puede contribuir a la estudiante está interesado en la lectura y en consecuencia un mejor rendimiento en relación con su desarrollo cognitivo, y el descubrimiento de nuevas posibilidades de lectura del mundo. Acciones metodológicas como los cuestionarios elaborados previamente, entrevistas, observaciones y análisis de datos sobre el cordel y la lectura eran esenciales para la recogida de los datos con los que trabajar para darse cuenta de la importancia de la Literatura de Cordel para la motivación y la mejora en la práctica lectura de los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Literatura de Cordel, motivación para la lectura Experiencia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

Tecendo o fio, o início do Cordão	11
---	----

2 O CORDEL NO CORDÃO

UM DEDO DE PROSA PRA FALAR HISTÓRIA	19
2.1 No princípio fez-se o verso	19
2.2 Cada causa é um caso	23
2.3 Cordel, que diacho é isso?	26
2.4 O cordel sem cordão	30

3 O CORDEL AINDA PRESO

LER, DO SOFRER AO PRAZER	31
3.1 Os diferentes conceitos de leitura	31
3.2 A difícil tarefa de aprender a ler	32
3.3 O cordel como instrumento facilitador da leitura	35

4 PENDURANDO O FOLHETO

O CORDEL NA SALA DE AULA	39
4.1 Pendurando o folheto	39
4.2 A aula ilustrada com cordel	40
4.3 Cordel, da carta de ABC aos textos atuais	41

5 UM FOLHETO EM CADA MÃO

A EXPERIÊNCIA DE LEITURA COM O TEXTO DE CORDEL	44
5.1 Um folheto em cada mão	44
5.2 Além da minha prática	45
5.3 Experimentando a experiência	46
5.4 A leitura do cordel na visão do professor	55
5.5 As mudanças no interesse de ler – com a palavra o leitor	59

6 RECOLHENDO O CORDÃO

PROMOVENDO O CORDEL	63
6.1 O cordel além do projeto	64

7 – FECHANDO O NÓ DO CORDÃO

CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE A	78
APÊNDICE B	74
APÊNDICE C	85
APÊNDICE D	89
APÊNDICE E	94
APÊNDICE F	96

1 INTRODUÇÃO

TECENDO O FIO, O INÍCIO DO CORDÃO.

“Quando viajo ao passado
Num reflexo do repente
Vejo tudo retornado
No filme da minha mente
E mesmo tendo sofrido
A Deus fico agradecido
Por este instante presente.”
(Lucarocas)

Meu encontro com a Literatura de Cordel se deu sem o conhecimento da razão, mas tão somente pelo imaginário pueril pousado nos balanços de redes de algodão e embalado pelo canto dos “Romances” lidos, majestosamente, pela entonação de um tio chamado Martins. Lembro-me de que sob o lume da lamparina a querosene trinava palavras da boca de um narrador incansável que descrevia histórias fantasiosas de monstros e princesas, heróis, bandidos e aventureiros, de reinos encantados, de fadas e duendes, e de grandes peijas e desafios criados do imaginário do autor do folheto, ou transcritos de verdadeiros embates de menestréis violeiros.

Ouvindo essas leituras adormecia encantado com o imaginário popular que em tempos de menino me eram desconhecido. Ouvia as histórias de castelos, príncipes e princesas, florestas, feitiços e feiticeiros, bruxas, sapos e dragões, meninos heróis que derrotavam gigantes, histórias onde as personagens faziam usos das quengadas¹, e no meu dormir sonhava-me anjo e herói, sábio e príncipe, profeta e poeta. Acordava leve para a realidade de um novo dia de férias vivido entre às caatingas do sertão e o frescor da beira do Rio Jaguaribe que banhava o sítio Cardoso do meu tio Moisés no município de Iguatu, desse imenso estado do Ceará.

Nesse clima de sertão foi que tive o meu primeiro contato com as narrativas e o imaginário da Literatura de Cordel, que ficaram ressoando dentro de mim como canção que o tempo não nos deixa esquecer, que se concretiza nas palavras de Paul Zumthor (2001 p. 03) quando afirma que, “A Literatura de cordel preserva, na palavra escrita, a sonoridade e a gestualidade”. E foi nestes surrados folhetos de Cordel de tantas lidas que eram guardados numa mala de papelão,

1- Relativo a quengo; passar um quengo é enganar alguém, ludibriar usando da esperteza.

símbolo do tempo já passado, que cravei na memória de infância a sonoridade de tantas histórias ouvidas. Halbwachs (1990 p. 94) afirma que “o ato de lembrar está enraizado no movimento interpessoal das instituições sociais como a família, a classe social, a escola e também a profissão.”

Da mala vi sair folhetos como: “As Grandes Aventuras de Armando e Rosa, conhecido por Coco Verde e Melancia”, “Proezas de João Grilo”, “História de Juvenal e o Dragão”, “Visita de Lampião ao Juazeiro”, “O Velho que enganou o Diabo”, “O homem da vaca e o poder da fortuna”, “O Romance do Pavão Misterioso”, dentre muitos, que só fui ter contato com essas leituras depois que o tempo me fez leitor e não mais ouvinte.

A leitura sempre me fascinou, eu era viciado em leitura. Não lembro a idade que tinha, só recordo que tinha fome de comida e de livros, e essa fome de leitor me levou ao cordel.

Não tinha pretensão de ser escritor, sabia-me apenas leitor, até que em 1976, o tempo me fez encontrar um colega de quartel que vendo meu hábito de leitura, trouxe-me um texto e me apresentou como sendo um poema. Intrigado, perguntei como se fazia aquilo, e ele disse para eu me apaixonar e escrever. Daquele dia em diante eu era um homem apaixonado, em tudo via paixão, em tudo encontrava algo para escrever, de tudo escrevia.

Segui meu caminho nas letras poetizando os momentos que me eram motivados a escrever. Colhi cada sabor do tempo para colocar em papel, nuances pequenas sem pretensão literária. Os caminhos da minha escrita me levaram a muitos lugares, mas o que mais me agradou foi quando me encontrei no meu fazer literário.

O vício de escrita era tanto, que no período de formação acadêmica respondia as provas em forma de poemas que, a princípio, não eram aceitos pelos professores, mas com o tempo tornou-se uma marca de registro na feitura das provas. Pena que grande parte de textos escritos em provas foram esquecidos nos porões da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

Quem me conhece diz que eu brinco com as palavras, na verdade elas é que brincam comigo, nunca sei o que elas querem de mim, apenas as uso junto com as minhas moções. Às vezes escrevo por uma pura inspiração, outras por transpiração e, muitas vezes, por provocação. Foi numa dessas provocações que meu pai, Antônio Vieira de Castro, criticando a política do então presidente Sarney,

onde sugeria um projeto de congelamento de preço, pediu para eu escrever algo sobre o tema, e foi então que surgiu “Reclame de Trabalhador”, o primeiro texto que publiquei em formato de cordel.

RECLAME DE TRABALHADOR

Seu doutor estão dizendo
Que o governo está fazendo
Um tal controle de preço
Pra nada poder subir
E eu então consumir
Tudo aquilo que mereço.
(LUCAROCAS, 1976, p. 01)

Escrever me faz criar histórias e o cordel me leva além da criação do simples e do óbvio. Assim embarquei nessa literatura para criar vidas, sonhos, amores e humores. Descobri que o cordel estava dentro de mim, guardado desde os tempos de criança quando ao dormir sonhava estar nos braços das princesas, e via-me como um dos heróis dos folhetos e acordava com a alegria de ser um feliz menino sonhador.

Deixei para trás o menino que sonhava, para buscar melhores condições de vida fazendo do estudo um atalho, e assim trilhar um caminho que me levasse a uma formação que oportunizasse exercer uma atividade onde eu pudesse pôr em prática àquilo que me trazia habilidade e prazer, neste caso, a intimidade com os livros e o contato direto com a Literatura de Cordel. Foi assim que me graduando em Letras pela Universidade Estadual do Ceará – UECE encontrei a possibilidade de, posteriormente, exercer a função de professor de língua portuguesa nas escolas públicas do estado do Ceará, dando-me oportunidade de pôr em prática muito do que foi aprendido durante o período de formação, juntamente com a experiência adquirida ao longo do tempo.

Desde quando iniciei o exercício do magistério percebi que os alunos tinham grande dificuldade em desenvolver habilidade e gosto pela leitura. Já que a leitura é basicamente um processo de representação, e como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra, por essa razão, e sem pretensões maiores, busquei levar para as aulas de Língua Portuguesa alguns textos de jornais e revistas que eram lidos pelos alunos, cumprindo assim um cronograma de atividades onde oportunizava a todos o exercício da leitura. Essa atividade fazia com que a leitura ficasse mais leve e

atraente para os alunos.

Sabendo-se que a leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade, esse processo de redirecionamento do material levado à sala de aula funciona como um espelho mostrando um fragmento de um todo do material lido, que se completará com outras leituras feitas, o que leva o aluno a descobrir novas possibilidades de ver o material lido.

A utilização de textos que motivavam a leitura de novos textos gerou a necessidade de outras ferramentas que fossem exploradas, e a utilização de novos materiais e métodos que não se tornassem repetitivos, surgindo assim a ideia de se trabalhar com dinâmicas onde se podia fazer jogos de palavras, criar desafios com frases e palavras, e foram dessas ações que surgiu a oportunidade de trabalhar com versos e criações de estrofes, levando o aluno a ter acesso à leitura de uma linguagem poética, o que culminou com o contato direto com a Literatura de Cordel.

Com o acesso à linguagem da poesia, e percebendo o interesse do aluno na atividade de leitura, foi possível utilizar a Literatura de Cordel como suporte pedagógico, o que fez com que o aluno lesse com mais prazer.

Nas atividades de leitura utilizando a Literatura de Cordel, percebi que os folhetos se tornaram grandes atrativos, pois o cordel mostrava uma linguagem simples, com uma escrita breve trazendo uma narrativa de fatos reais e imaginários, atributos que envolviam o leitor, e despertava e fascinava o aluno para novas descobertas no mundo da leitura.

Na prática de sala de aula, num primeiro momento, o aluno era motivado a escolher um dos diversos folhetos de cordel expostos em uma caixa ou espalhados sobre uma mesa. Muitas vezes a escolha se dava pela atração do título ou desenho de capa, haja vista que para muitos era o primeiro contato com esse tipo de literatura.

O segundo momento se dava com a apreciação onde, sem nenhuma pretensão de leitura, o aluno era estimulado a manusear o folheto para ir descobrindo a formatação do texto, ilustrações de capa e informações contidas na contracapa. Percebia-se nele um deslumbramento no olhar curioso quando notava a forma de um texto diferente do que ele tinha costume de ver, o texto em prosa, e agora ele se deparava com um texto em versos.

A hora da leitura inicial era marcada pelo “silêncio”, aonde cada aluno,

mentalmente, ia “viajando” no imaginário das histórias que cada folheto oferecia e, após esse instante de descoberta, partia-se para o exercício da oralidade e o trabalho de exploração textual.

Sabendo-se que a leitura do texto de cordel leva à memorização, e isso tem uma relação direta com o modo de compreender o que se lê, pois é notório que só se gosta daquilo que se entende. Dessa maneira o aluno começa a ter uma verdadeira apropriação da leitura e também um entendimento daquilo que lê.

Partindo da experiência do trabalho com cordel pude perceber, efetivamente, que houve uma melhora relevante no desenvolvimento da leitura dos alunos e que a prática pedagógica foi exitosa na motivação do gosto pelo hábito de ler e que, com a aplicação do cordel como recurso didático. Tal vivência promovida com alunos da escola pública provocaram reflexões e questionamentos sobre a utilização da Literatura de Cordel como uma ferramenta interessante para buscar aprimorar a leitura em sala de aula, além de ter servido como premissa para a elaboração deste trabalho.

A realização deste trabalho dar-se-á através de uma pesquisa-ação, um tipo de pesquisa participante, engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não reativa” e “objetiva” que buscará detectar o rendimento do aluno com a utilização do cordel como instrumento de leitura, e entender a avaliação do professor que utiliza a história dos cordéis, como material textual. O trabalho não buscará apresentar nenhum comparativo com outros trabalhos ou pesquisas, pois não será trazida uma representatividade numérica, mas sim buscando entender as manifestações de um grupo social.

A pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação, e busca desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. A pesquisa-ação será fundamentada nos seguintes suportes: O cordel na sala de aula, utilizado apenas como elemento de despertar da leitura; o cordel como instrumento facilitador de motivação à leitura, e o cordel como objeto de estudo e compreensão textual.

O processo de execução do trabalho dar-se-á inicialmente, com a formulação de convites aos professores de língua portuguesa, tanto de escolas particulares, quanto de escolas públicas, que possam encaixar-se nos moldes do projeto. O convite será feito através de uma “Carta Convite” (Apêndice A p. 74) escrita em versos, para tanto serão selecionados quatro professores. Para fazer parte da pesquisa, foram selecionadas quatro turmas, sendo uma do sexto ano, uma

do sétimo e duas do oitavo ano do ensino fundamental. Escolhidas as turmas, elas passarão a fazer parte do desenvolvimento do projeto, e a primeira ação será fazer com que os alunos tenham um contato com o cordel, isso se dará com a distribuição de folhetos com diferentes títulos e temáticas que, num rodízio, se tentará motivar para que todos os alunos leiam os cordéis. A dinâmica para a leitura fica a cargo do professor, podendo a leitura ser feita em sala ou em casa.

Após o contato com os folhetos, buscaremos levar ao aluno um pouco da história da Literatura de Cordel tendo como base um TD (Apêndice B p. 78) que será disponibilizado para cada aluno, além de outros recursos que o professor achar conveniente.

Dentre os cordéis foi escolhido para a leitura o folheto intitulado “O Lenhador e a Morte” para que seja feito um estudo de compreensão textual, análise literária, e conhecimento sobre a composição do cordel. Este estudo será ministrado pelo professor por meio de atividades de exercícios e questionários.

A coleta de dados da pesquisa-ação ocorrerá através da observação e aplicação de questionários impressos direcionados tanto para professores como para alunos das escolas participantes. As instituições de ensino, as turmas escolhidas para a pesquisa foram: a) uma turma do oitavo ano do Colégio Karina Martins em Fortaleza – Ceará; b) uma turma do sétimo ano da Escola Modelo em Fortaleza – Ceará.

Este trabalho objetivava trazer algumas indagações e indicações sobre os elementos do processo da leitura e a formação do leitor, assim como apresentar informações referentes à Literatura de Cordel e a sua utilização como meio de facilitar e motivar a leitura, além de apresentar uma reflexão sobre a proposta do uso do cordel como material motivador no desenvolvimento das habilidades de leitura para alunos do ensino fundamental.

Com a finalidade de propor uma melhor compreensão ao objeto de estudo, dividiu-se o trabalho em seis capítulos de maneira a contemplar as teorias referentes à Literatura de Cordel e aos elementos do processo de experiência com a leitura, assim como as observações feitas com a prática do uso do Cordel em sala de aula.

O capítulo um, a introdução, foi intitulado de “Tecendo o fio, o início do cordão”. Já o capítulo dois recebeu como título “O Cordel no Cordão – Um dedo de prosa falando de história” traz uma referência sobre a história da Literatura de

Cordel ainda preso em suas origens, e relata um pouco das suas temáticas e linguagens, as suas curiosidades e peculiaridades, além de referendar o cordel como elementos de estudos para gerações futuras.

O terceiro capítulo tem como título “O Cordel ainda Preso – Ler, do sofrer ao prazer” faz referência à importância da leitura, as dificuldades de se ler e o processo de formação de um leitor, mostrando ainda, que a leitura, às vezes, é um instrumento que traz sofrimento, mas que com o uso do Cordel poderá libertar o aluno do medo da leitura, fazendo com que ele descubra prazer no ato de ler. Trata ainda do processo de leitura e os mecanismos que fazem a transformação de um leitor, mostrando que, além da Literatura de Cordel, há outros caminhos que podem ser trilhados para facilitar o acesso e o gosto pelo ato de ler.

O capítulo quatro que se intitula “Pendurando o folheto - O Cordel na Sala de Aula” procura mostrar como o cordel pode ser trabalhado de diferentes maneiras, desde a sua exposição como elemento de despertar para o conhecimento do folheto, passando pelo seu uso para ilustrar aulas dadas pelo professor, chegando à utilização do texto como recurso para a leitura.

O quinto capítulo “Um Folheto em Cada Mão, A Experiência de Leitura com o Texto de Cordel” procura registrar o momento em que o cordel vai chegar às mãos do aluno como um instrumento para a leitura. Neste capítulo o cordel será tratado de maneira mais pedagógica do que artística. O cordel será visto como material didático onde serão exploradas as diferentes maneiras de trabalhar o texto em sala de aula, e como o uso dessa literatura irá facilitar, ou não, o entendimento de outros textos, além de abordar o passo a passo do uso do cordel na aprendizagem e reflexão sobre o ato de ler. Neste capítulo também buscaremos abordar as diferentes visões do uso do cordel na sala de aula, tanto pelo aluno como pelo professor.

No sexto e último capítulo que tem como título de “Recolhendo o Cordão, promovendo o Cordel” buscaremos mostrar como foi executado o trabalho em sala de aula com o folheto “O Lenhador e a Morte” de autoria do poeta Lucarocas², e quais as percepções dos professores e alunos sobre o uso do cordel nas atividades das aulas de Língua Portuguesa, e ainda, como o Projeto “O Cordel Sem Cordão, um Folheto em cada mão” saiu do campo da pesquisa e se espalhou pelas escolas

2 – Lucarocas é o nome usado artisticamente por Luis Carlos Rolim de Castro, que utilizou as primeiras sílabas de cada nome para formá-lo.

públicas do estado do Ceará.

Neste projeto buscaremos entender melhor o uso do Cordel como objeto para a leitura, e como é a sua utilização na escola, e se ele, de fato, pode ocupar um espaço relevante na sala de aula numa relação com os aspectos culturais e sociais dos leitores.

Acredita-se que a realização deste trabalho traga uma fundamental importância para professores e alunos, considerando que o Cordel é um material de fácil acesso e leitura, e que é possível colocá-lo na escola, e mais notadamente na sala de aula, como um relevante instrumento pedagógico que venha provocar motivação ao exercício da leitura.

Assim sendo, o objetivo deste estudo é analisar o uso do cordel na sala de aula como instrumento de leitura e compreender se esse uso traz, ou não, benefícios facilitadores para o aluno e o motiva para ato de ler, além de identificar quais elementos são mais atraentes para os alunos durante o uso da Literatura de Cordel como instrumento pedagógico de leitura.

O assunto em questão torna-se pertinente por tratar-se de uma problemática que pode gerar uma discussão para que o Cordel seja, definitivamente, utilizado como material didático para o exercício da leitura nas escolas.

2 O CORDEL NO CORDÃO

UM DEDO DE PROSA PARA FALAR HISTÓRIA

“Na sua simplicidade
 No correr da trajetória
 O Cordel na antiguidade
 Já fez registro em memória
 E sem ter evolução
 Ficou preso no cordão
 Pra se contar sua história”.

(Lucarocas)

2.1 No princípio fez-se o verso

Verso: Esta palavra não designa apenas as linhas dos ingênuos poemas que a gente tinha obrigação de declamar na escola quando era pequeno, ou as pretensiosas poesias que muitas vezes nos são apresentadas por amigos de egos inflados e autocrítica debilitada. A palavra verso participa da formação de outras, que às vezes nem desconfiamos que tenham os mesmos antepassados.

Verso – do Latim *versus*, “verso, linha de escrita” do Indo Europeu *wer-* “virar, dobrar”. Trata-se de uma metáfora que mais uma vez nos remete ao Latim como um idioma de agricultores. A comparação é com o ato de trabalhar a terra, quando o boi que puxa o arado completa um sulco e vira em sentido oposto para fazer outro paralelo a ele. Ações comuns nos roçados das terras nordestinas. Esse ato é chamado *vertere*, “virar” em Latim. Nota-se que, em épocas gregas clássicas, escrevia-se até o fim da linha e depois se seguia embaixo, tal como o arado fazia. Essa maneira se chamava em Grego *boustrophedon*, “como o boi ara”.

Nesse sentido o verso do cordel faz a sua trajetória no papel marcando as nuances de registros da história de um povo, quase que fazendo cavas com a força da escrita para semear uma força de vida que vem da terra, e da terra que vai pra vida.

Apesar de se ter notícia da existência de folhetos populares em prosa, a forma predominante da Literatura de Cordel, no Brasil, são os folhetos em versos rimados. O fato de ser escrito em forma de verso, com estrofes, métrica e rimas constantes, além de mais estético, torna o texto mais agradável de ser lido, ouvido e cantado. É importante observar que apesar de ser literatura escrita, os folhetos não são senão a forma gráfica de uma poesia carregada de oralidade.

As estrofes mais usadas nos folhetos de literatura popular são a sextilha, septilha e décima, são estas as três mais utilizadas dentre os muitos "gêneros" inseridos na cantoria popular de viola.

Para melhor exemplificar essas modalidades de escrita do cordel, explanaremos sobre cada uma e utilizaremos como referência estrofes do poeta Lucarocas.

A sextilha, estrofe de seis versos, é a forma popular dos desafios e uma das mais usadas na maioria dos romances publicados no Brasil. A sextilha possui a seguinte disposição de rimas: ABCBDB. Vejamos esse exemplo:

O riso que fortalece
Um momento de esplendor
Faz a vida mais feliz
De um homem sonhador
Mas se fecha para a morte
Quando é traído no amor.³
(LUCAROCAS, 2016)

A septilha é oriunda da sextilha com o acréscimo de um verso rimando com o quinto, e obedece ao seguinte esquema de rimas: ABABCCB.

Pela dor que dói a fome
Pela carência de pão
Pelo verme que consome
Chamado corrupção
É que trago seu doutor
A marca de grande dor
Cravada no coração.⁴
(LUCAROCAS, 1991, p 08)

As décimas são constituídas de dez versos de sete sílabas rimando, obrigatoriamente, da seguinte maneira: ABBAACDDC. Esse tipo de estrofe é muito usado nos textos onde são apresentados "Motes" que é um verso ou pequeno conjunto de versos usados como tema e ponto de partida para o desenvolvimento do poema.

A estrofe de dez versos é a base de motes defendidos pelos cantadores repentistas, e também é usada nos folhetos de peleja. Nos cordéis que mostram as pelejas de cantadores também se vai encontrar a presença de outros gêneros como o Martelo, a Parcela, o Quadrão, etc.

3 – Estrofe criada para ilustrar o exemplo de sextilha.

4 – Estrofe do Cordel "Carrossel Mata Criança" publicado em 1991.

Pegamos como exemplo uma estrofe do cordel do poeta Lucarocas intitulado “Quando Morre a Experiência toda Pobreza se Instala”, baseado no texto “Experiência e Pobreza” do livro *Magia e Técnica, Arte e Política* de Walter Benjamin – Editora Brasiliense – 3ª Ed. 1987.

A vida escreve uma história
 De presente e de passado
 E quem não faz resgatado
 Um registro de memória
 Se perde na trajetória
 Sem um registro ou escala
 Até os timbres da fala
 Não atingem uma abrangência
Quando morre a experiência
Toda pobreza se instala.
 (LUCAROCAS, 2015, p. 01)

Além das estrofes usadas, comumente, nos textos de Literatura de Cordel vamos encontrar outras modalidades que são mais usuais nas cantorias de violas declamadas e/ou improvisadas pelos violeiros repentistas. Dentre eles o Martelo e a Parcela.

O Martelo, que é considerado um dos gêneros poéticos popular do Nordeste, traz versos de dez sílabas com estrofes compostas com seis, sete, oito, nove e dez linhas que são usadas com embates de desafios de cantadores de viola.

Segundo Linhares e Batista em sua *Antologia Ilustrada dos Cantadores*:

O Martelo atual, criação do genial violeiro paraibano Silvino Pirauá Lima, é uma estrofe de dez versos, em decassílabos, obedecendo à mesma ordem de rima dos versos da Décima. Todavia, sua denominação não vem do fato de ser empregado como meio de os cantadores se martelarem durante suas pugnas. Sua significação está ligada ao nome do diplomata francês Jaime de Martelo, que foi professor de literatura na Universidade de Bolonha, portanto, o criador do primeiro estilo. (LINHARES E BATISTA, 2016, p. 23)

Vejamos um exemplo registrado na antologia acima citada:

Quando as tripas da terra mal se agitam,
 E os metais derretidos se confundem,
 E os escuros diamantes que se fundem,
 Da cratera ao ar se precipitam.
 As vulcânicas ondas que vomitam
 Grossas bagas de ferro incendiado,
 Em redor, deixam tudo sepultado
 Só com o som da viola que me ajuda,

Treme o sol, treme a terra, o tempo muda,
 Eu cantando Martelo agalopado.
 (LINHARES E BATISTA, 2016, p. 24)

A Parcela é uma forma poética utilizada entre os cantadores repentistas do Nordeste brasileiro. Ela é muito empregada nos grandes desafios ou pelejas. A parcela pode ter de oito a dez versos, tendo os nomes: parcela de oito (oito versos) e parcela de dez (dez versos). A mais típica e preferida é a parcela de dez que traz na sua composição uma linearidade oral mais fácil de ser cantada. A disposição das rimas é sempre ABBAACCCDDC.

Como exemplo de parcela temos da imortal peleja de José Pretinho com o cego Aderaldo, escrita pelo genial poeta piauiense, de Parnaíba, Firmino Teixeira do Amaral, estas Parcelas de cinco sílabas:

Cego Aderaldo:

Negro é raiz
 Que apodreceu!
 Casco de judeu,
 Moleque infeliz!
 Vai pra teu país:
 Se não eu te surro,
 Dou-te até de murro!
 Tiro-te o regalo,
 Cara de cavalo,
 Cabeça de burro!

Pretinho:

Fale doutro jeito,
 Com melhor agrado,
 Seja delicado,
 Cante mais perfeito:
 Olhe, eu não aceito
 Tanto desespero...
 Cante mais maneiro,
 Com verso capaz,
 Façamos a paz:
 Reparta o dinheiro.
 (LINHARES E BATISTA, 2016, p. 28)

Nas estrofes que são manifestadas tanto pelos cantadores de viola, quanto nos textos dos folhetos de cordel se vai encontrar um forte traço da oralidade. Para Paul Zumthor:

A Literatura de Cordel preserva, na palavra escrita, a sonoridade e a gestualidade. E no Cordel, é “a palavra gesticulada dos poetas que emerge dos folhetos, evocando memória e tradição em suas métricas e rimas, por meio de narrativas as mais diversas”. (ZUMTHOR, 2001, p. 75)

2.2 Cada causa é um caso

O Cordel traz em seu bojo uma imensa possibilidade de nele se encontrar as mais diversas e mirabolantes histórias que o imaginário popular pode criar. Não é por acaso que esta literatura se tornou uma fonte inesgotável de causos que fogem a raia da realidade e descamba para o mundo criativo do poeta de cordel.

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da Literatura de Cordel, de maneira que se tornou característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso, tais como a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, as disputas políticas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos; as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família, dentre outros fatores, tudo isso fez com que surgissem os grupos de cantadores que atuavam como instrumento do pensamento coletivo das manifestações da memória popular.

Um exemplo são esses versos de pabulagem bradado em combate pelo famoso cangaceiro da segunda metade do século XIX, registrado por Luís da Câmara Cascudo no seu livro *Flor de romances trágicos* de 1966.

Rio Preto foi quem disse
E, como disse, não nega,
Leva faca, leva chumbo,
Morre solto e não se entrega.
(CASCUDO, 1966, p. 56)

Outra estrofe que registra o cangaço em versos de cordel foi escrita por Varnecki Santos do Nascimento em seu folheto intitulado *O Cangaço Sustentado pelos Coronéis*.

Criticam os cangaceiros
Chamando-os de infiéis,
Facínoras e malfeitores
Assassinos e cruéis
Mas, não se diz como foram,
Bancados por coronéis!
(NASCIMENTO, 2005 p. 01)

Tudo, ou quase tudo, serve de motivo aos poetas populares na produção de textos para os seus folhetos. Desde romances tradicionais - Carlos Magno e os Doze Pares de França, A Princesa Magalona, etc., que nos vieram da Idade Média,

através de romances ibéricos (Portugal e Espanha) e que foram aqui readaptados à ecologia (meio ambiente) e sentimentos nordestinos, até assuntos históricos brasileiros, fatos ligados à religiosidade, ao misticismo, à vida campestre, à política, desastres, crimes, acontecimentos mais recentes da atualidade mundial. Esses últimos são os chamados folhetos de época, de acontecidos.

Nada passa despercebido pelo olhar do poeta de bancada. Segundo KUNZ (2007, p. 27):

Tudo e todos podem virar versos de cordel. Em seus versos, os poetas falam da fome, da seca, das dificuldades. Versam também sobre as festas, as crendices, o cangaço, a religião. Escrevem sobre os acontecimentos do cotidiano e do mundo. Viajam pelo imaginário e o misturam com a vida real. Mundos e personagens se encontram; o que parecia impossível acontece no cordel. Na literatura de cordel a fronteira é fraca entre sagrado e profano, mortos e vivos, terra e céu, santos e bandidos, e até entre Deus e o Diabo. (KUNZ, 2007, p. 27).

Também são temas para cordel, as pelejas ou desafios que são debates entre repentistas, sobre assuntos imaginários ou alusivos a fatos reais e à vida de violeiros. Essa variedade temática do cordel é estudada com o nome de ciclos. Temos, então, um ciclo heroico, incluindo obras épicas e trágicas (como o banditismo no Nordeste); ciclo histórico, em que se destaca a figura do Padre Cícero; ciclo maravilhoso, em que aparecem os seres sobrenaturais e acontecimentos mágicos; ciclo religioso e de moralidade, ciclo do amor e de fidelidade, ciclo cômico, satírico e picaresco e ciclo circunstancial. Este último abrange os folhetos de ocasião, de momento, sobre política e fatos recentes.

Na Literatura de Cordel a parceria entre a tradição e a modernidade também está presente nos folhetos. Já não mais encontramos somente textos onde os heróis são personagens do sertão ou seres lendários. A Literatura de Cordel atual tomou enormes proporções de escrita e passou a fazer registro dos mais diversos fatos do cotidiano. Assuntos dos mais variados são retratados nos textos e publicados nos folhetos de cordel, desde cordéis com histórias direcionadas a um público infantil, passando por homenagem de aniversário, até às histórias de políticos que são usadas como forma de propagar o nome em uma campanha eleitoral.

Os temas sociais são muito comuns em textos de cordel, em especial quando se refere à criticidade, vez ou outra um poeta se atreve a registrar em seus folhetos alguma denúncia, ou algo que valha. Um exemplo de texto moderno

com crítica social, vamos transcrever em uma estrofe do folheto “Amazônia Não Senhor⁵” do poeta Lucarocas:

De olho na Amazônia
Muitos andaram aqui
Sem medo ou sem cerimônia
Buscando aqui e ali
Até que um presidente
Sem consultar sua gente
Vendeu tudo pro Jarí.
(LUCAROCAS, 2000. p. 05)

Poeta de referência da voz do sertão, Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, traz em seus textos um reclame do povo nordestino. O texto do poeta de Assaré traz uma linguagem puramente popular, tanto na escrita (ele reproduz a fala do seu povo) como nas temáticas que aborda. Um exemplo da identidade poética do Patativa encontramos no poema: “Eu e o Sertão” no livro Cante lá que eu canto Cá de 1982:

Sertão, arguém te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistéro
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.
(ASSARÉ, 1982, p. 21)

Fonte inesgotável de criatividade, o cordel conta com ilustres admiradores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. E esta admiração é recíproca: poetas populares buscam inspiração na literatura dita erudita e lançam releituras e/ou adaptações de grandes clássicos como: “O alienista” de Machado de Assis. Também se encontra nos folhetos adaptações de romances e peças teatrais, tais como: “Romeu e Julieta”, e “Iracema” adaptação de João Martins de Athayde; “Tereza Batista cansada de guerra” de Rodolfo Coelho Cavalcante; “A Escrava Isaura” de Apolônio Alves dos Santos, “A Dama das Camélias” uma adaptação do poeta Evaristo Geraldo, entre outros. Há também uma adaptação de: “O Menino de

5 – Folheto premiado em primeiro lugar no IV Concurso Nacional de Literatura de Cordel promovido pelo Departamento Cultural do Clube Militar do Ministério do Exército no Rio de Janeiro no ano de 2000.

Engenho”, de José Lins do Rego, realizada por Lucarocas.

2.3 Cordel, que diacho é isso?

No tempo em que Antônio de Castro Alves (1847-1871) pontificava, a poesia popular efervescia nos sertões. A dicotomia erudito/popular, segundo Edilene Matos (1976) “foi forjada, a rigor, em plena modernidade”. Na obra do poeta baiano é possível identificar elementos das cantigas sertanejas, ora dolentes, ora jocosas. “A Canção do Violeiro”, que traz como mote os dois últimos versos, lembra os lampejos geniais dos repentistas de prestígio do Nordeste.

CANÇÃO DO VIOLEIRO

Passa, ó vento das campinas,
Leva a canção do tropeiro.
Meu coração 'stá deserto,
'Stá deserto o mundo inteiro.
Quem viu a minha senhora
Dona do meu coração?
Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.
(ALVES, De *Os Escravos* - 1883)

Para muitos, a Literatura de Cordel é tida como uma literatura ingênua, rude e tosca. Na realidade a literatura popular brasileira é um tipo de manifestação ficcional e imaginativa com proximidade daquela que se costuma chamar propriamente de literatura, não existindo muitas diferenças de essência entre um e outro tipo de produção. Na verdade, há um preconceituoso posicionamento dos eruditos com relação à literatura popular gerando uma contrariedade, já que seria ela a garantia de certa autenticidade e originalidade de raiz, nem sempre notável em manifestações literárias de caráter erudito.

Buscando melhor esclarecer a questão, é bom lembrar que a designação “Literatura de Cordel”, que é também usada para nomear a literatura popular em verso, chegou até nós via Portugal, no século XVII, e isto pelo fato de os folhetos serem vendidos pendurados em cordões (cordéis) fato este que não ocorre no Brasil. A denominação, até a década de 1960, no Brasil, era usada apenas pelo público conhecedor do assunto, que tinha acesso às manifestações literárias e culturais ibéricas. Os próprios poetas populares não tinham conhecimento da

expressão, que aos poucos foi se tornando conhecida gerando algumas derivações, como cordelesco, cordelista, cordelianamente, cordelmania, cordelbrás.

As palavras de Manuel Diégues Júnior (1973, 1993, p. 47) esclarece tal modalidade de folhetos:

Os termos circunstanciais, os acontecimentos contemporâneos ocorridos em dado instante e que tiveram repercussão na população respectiva são enchenques que prejudicaram populações, são crimes perpetrados, são cangaceiros famosos que invadem cidades ou praticam assassinios, são também hoje, com a facilidade das comunicações, certos fatos de repercussão internacional. (JUNIOR, 1993, p. 47)

Encontramos, porém como a mais simples definição sobre cordel como sendo está: “poesia narrativa, popular, impressa”. Qualquer outra manifestação semelhante ao cordel, cujo conteúdo se diferencie desse trinômio, não é considerada como poesia de cordel autêntica.

Uma discussão infundável ainda vai povoar o universo dos estudiosos do cordel, e a questão de ser ou não autêntico um tipo de literatura que ainda há de deixar muitos estudiosos burilando as suas dúvidas.

A questão do problema, não é ser ou não ser poesia de cordel autêntica, reside mesmo no conteúdo dos folhetos. Porque ninguém é poeta popular porque diz que é ou pretende ser. O poeta popular é uma expressão da região, do seu povo, com a sua linguagem própria e sabedoria cultivada durante séculos. O cordel é o seu veículo de comunicação tradicional no Nordeste brasileiro.

O poeta popular nordestino é conservador. Essência de sua própria natureza. Quando analisamos o conteúdo dos folhetos, vamos perceber através da linguagem e das ideias que ali transparecem com espontaneidade, que neles se encontram toda a seiva da característica do povo do Nordeste, um povo que traz a sua marca em nuances da própria vida.

Numa visão geral, vamos encontrar o poeta popular nordestino como sendo uma pessoa católica ortodoxa, ou seja, age conforme a doutrina definida pela Igreja e, quase sempre, é a favor do governo, mas alguns não se sujeitam à submissão, como é o caso do poeta Patativa do Assaré, esse mesmo poeta de linguagem simples que fala do seu torrão, também gosta de repudiar ou ironizar as inovações da moderna tecnologia.

Patativa do Assaré (1909 - 2002), no Ceará era uma dessas vozes independentes e contestatórias que manifestava em seus versos as mazelas do

sertão, como a má distribuição de renda, a carestia do custo de vida, as dificuldades e miséria que a seca traz ao sertão, e o manifesto na luta pela própria sobrevivência.

Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987), reconhecido como um dos maiores poetas brasileiros do século XX, assim definiu, certa feita, a Literatura de Cordel, conforme afirma Lemos (2012, p. 123):

A poesia de cordel é uma das manifestações mais puras do espírito inventivo, do senso de humor e da capacidade crítica do povo brasileiro, em suas camadas modestas do interior. O poeta cordelista exprime com felicidade aquilo que seus companheiros de vida e de classe econômica sentem realmente. A espontaneidade e graça dessas criações fazem com que o leitor urbano, mas sofisticado, lhe dedique interesse, despertando ainda a pesquisa e análise de eruditos universitários. É esta, pois, uma poesia de confraternização social que alcança uma grande área de sensibilidade. (LEMOS, 2012, p. 123)

Já o escritor Nelson Cerqueira, (2011) afirma que:

A literatura de cordel tem um papel tão importante quanto o do jornalista, porque ele passa a ser um provedor de notícias, informando nas feiras os assuntos não lidos por muitas pessoas nos jornais ou na imprensa no geral (...) narra temas candentes como a construção de obras públicas que estão a ser construído há 10 anos no Brasil e que não acabam, focalizando os porquês da demora. (CERQUEIRA, 2011, *on line*, fonte Angola Press).

O romancista brasileiro Jorge Amado foi tido pelo professor Nelson Cerqueira, como um dos escritores que muito se preocupou em incorporar temas da literatura do cordel nas suas obras. Daí o seu sucesso, e transcreve as palavras do grande escritor baiano: “Nascida do povo e por ele realizada, a Literatura de Cordel corresponde às necessidades de informação, comentário, crítica da sociedade e poesia do mesmo povo que a concebe e a consome”.

Há diferentes referências quanto à origem da Literatura de Cordel, no entanto, acredita-se de que no Brasil essa literatura chegou através dos colonizadores portugueses, a partir do século XVII com as "folhas volantes" ou "folhas soltas", assim chamadas em Portugal. Só muito mais tarde, nos anos de 1890 a 1900 com o aparecimento de pequenas tipografias, a Literatura de Cordel se fixou no Nordeste como uma das particularidades cultural popular da região.

Devido aos diversos conceitos atribuídos à cultura popular, citaremos Cristiane Nepomuceno (2005, p. 31) que afirma:

A própria cultura popular e ao povo cabe reinventar, recriar e ressignificar o seu saber e o seu saber-fazer. Revelar a todos que seu universo vai além

da conservação, preservação ou resgate, tampouco pré-moderna e atrasada. Necessário se faz apreender a cultura popular como resultado de momentos históricos específicos e conseqüentemente dinâmica, apta a apropriar-se das práticas culturais mais diversas e adaptá-las ao seu cotidiano. (NEPOMUCENO, 2005, p. 31).

Na Espanha, vamos encontrar esse mesmo tipo de literatura popular que era denominada de "papéis soltos", e essa denominação chega à América Latina em países como Argentina, México, Nicarágua e Peru. Essa literatura popular trazia em suas composições narrativas tradicionais e fatos circunstanciais, ou seja, fatos do dia-a-dia, exatamente como encontrarmos hoje na Literatura de Cordel brasileira.

A chegada do cordel ao Brasil se deu a bordo das naus portuguesas em meados do século XIX. A nomenclatura de "cordel" está relacionada a essa literatura, porque em Portugal os folhetos eram expostos em barbantes ou cordões para serem vendidos: daí o termo "Literatura de Cordel". Percebemos essas informações confirmadas nas palavras do poeta cearense Moreira de Acopiara:

[...] na Península
Ibérica, séculos atrás,
Essa arte teve início
Com narrativas orais
Recitadas nos castelos
E nos palácios reais.
E foi com os portugueses
Que essa arte aqui chegou,
Instalou-se no nordeste
E se aperfeiçoou,
Modernizou-se e, em seguida,
Pelo Brasil se espalhou [...]
(ACOPIARA, 2009, p. 14).

O Nordeste foi, sem dúvida, a porta de acesso da literatura de cordel no Brasil. Segundo Vasquez (2008, p. 12) "O Nordeste revelou ser terreno fértil para o desenvolvimento dessa arte nascida da aridez, crescida na carência e que viceja na adversidade".

Encontra-se registrada pela primeira vez, a nomenclatura "Literatura de Cordel" no Dicionário contemporâneo de Francisco Júlio Caldas, datado de 1881. Já o Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel afirma que o termo "Literatura de Cordel" foi cunhado pela primeira vez pelo pesquisador Raymond Cantel, para designar os folhetos da literatura popular, vendidos nas feiras populares, pendurados em pequenas cordas, cordinhas ou cordões.

2.4 O Cordel sem Cordão

O termo Literatura de Cordel se fixou em todo país pela ideia de que os folhetos eram vendidos pendurados em cordão. Apesar de ainda hoje haver uma manifestação alegórica do cordel no cordão, o termo perde o sentido quando, em mais das vezes, os folhetos nos últimos tempos, serem vendidos em bancas, malas ou lonas espalhadas pelas calçadas ou pisos das praças.

As duas últimas modalidades de exposição e vendas dos folhetos eram estrategicamente elaboradas como defesa da mercadoria, pois vendedores eram perseguidos pelos “Rapas”, fiscais de feiras que proibiam a venda de certas mercadorias em determinados locais.

Os folheteiros, nome dado ao vendedor de folheto de cordel, que na maioria das vezes não eram o autor dos cordéis, eram muito perseguidos e costumeiramente tinham que sair às presas carregando a sua mercadoria. Ao utilizarem a mala, o folheteiro facilmente acomodava os cordéis e, disfarçadamente, evadia-se do local. O mesmo acontecia quando os folhetos eram expostos em uma lona na calçada ou no chão da praça. Nesse caso, a estratégia era juntar as quatro pontas da lona e formar uma “trouxa” que colocando às costas, desfaçava e saía do local sem perder assim os seus folhetos.

Na hora que vinha o “Rapa”
Era a maior euforia
Se ouvia um grito “capa”
Para aumentar a agonia
E o velho folheteiro
Pegava a mala ligeiro
E bem depressa corria.⁶
(LUCAROCAS, 2016)

Metaforizando, o cordel hoje se liberta dos cordões, das malas e das lonas de feiras, e adentra à escola e às salas de aulas, e deixa de ser apenas um folheto de entretenimento e passa a ser objeto de estudo: Uma ferramenta de promoção de saberes e sabores de histórias lidas, objeto este, que tentaremos trabalhar em algumas de suas singularidades e fazê-lo significativo para o estímulo ao ato de leitura.

6 – Estrofe criada para ilustrar a situação de um folheteiro numa feira.

3 CORDEL AINDA PRESO

LER, DO SOFRER AO PRAZER

“Quem não gosta de leitura
Não sabe o que é viajar
Nunca viveu a aventura
Do grande dom de sonhar
Difícilmente em segundos
Conhecerá novos mundos
Sem saí do seu lugar.”
(Lucarocas)

3.1 Os diferentes conceitos de Leitura

Os conceitos são motivos de discussão entre aqueles que estudam determinado assunto. Com a leitura não tem sido diferente. O tema leitura tem trazido amplas discussões nos meios acadêmicos, uma vez que no processo de alfabetização, a leitura vem antes da aprendizagem da escrita. Para melhor formularmos o estudo sobre leitura, tentaremos buscar algumas definições deste termo para que assim tenhamos melhor fundamento no assunto abordado.

Ao consultarmos os PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), iremos encontrar no tópico *Prática de leitura*, a seguinte definição para a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (...) não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. (PCN – 2001 p. 125)

Leitura é a ação de ler algo. É o hábito de ler. A palavra leitura é derivada do Latim "*lectura*", tem originalmente o significado de "eleição, escolha, leitura". Também se designa por leitura a obra ou o texto que se lê. E ainda é denominada leitura a forma como se interpreta um conjunto de informações presentes em um livro, uma notícia de jornal, páginas de internet, ou um determinado acontecimento. A leitura é uma interpretação pessoal.

O hábito de leitura é uma prática extremamente importante para que se

desenvolva o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação. Razão pela qual deve ser estimulado nos mais diversos meios, não só os escolares.

A leitura deve ser estimulada como ato prazeroso, o prazer da leitura deve ser despertado logo na infância, pois ler faz parte da formação cultural de cada indivíduo.

Aquele que tem o gosto de ler percebe que a leitura estimula a imaginação, proporciona a descoberta de diferentes hábitos e culturas, amplia o conhecimento pessoal e enriquece o vocabulário e aumenta a sua visão de mundo, além de torná-lo um cidadão mais consciente e fortalecido na sua criticidade.

A leitura é, portanto, uma ação abrangente e complexa. Um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais do homem, que desenvolvendo a sua capacidade simbólica e de interação com a palavra faz mediação com o contexto social. Nesses termos, um texto só se completa com o ato da leitura à medida que o leitor se atualiza com a linguística e a sua temática.

O ato de ler faz com que o indivíduo interaja com outros indivíduos por meio da palavra escrita. O leitor torna-se um ser ativo que dá vida ao texto promovendo um sentido naquilo que ler. A palavra quando escrita só vai ganhar significado a partir da ação que o leitor exerce sobre ela.

A leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. Nesse sentido, a leitura deve ser compreendida como o resultado de sentido. Portanto, ler não é apenas decodificar, traduzir, repetir palavras, é construir uma sequência de sentidos a partir dos indícios que o autor quis dar ao seu texto.

Assim sendo, a leitura deve ser vista como um grupo de elementos que são regidos por processos cognitivos arquivados na memória do leitor, os quais eclodem durante a atividade de leitura. Portanto, o maior sentido da leitura é garantir informações que possam tornar-se escrita, que é um bem cultural no processo de interação com o mundo.

3.2 A difícil tarefa de se aprender a ler

Ensinar e aprender são duas querências, uma de quem deseja descobrir o conhecer, a outra de quem tem compromisso e vontade de fazer o outro conhecer.

Estudar não é uma tarefa fácil como dizia a professora Lúcia Maria Lima

Estudar não é uma tarefa fácil como dizia a professora Lúcia Maria Lima (2012, p. 32) “Se fosse fácil todo mundo era doutor”. Essa não facilidade é que torna a aprendizagem um encantamento, o ensinar uma vontade mágica de ver o outro descobrir mundo de possibilidades, ver o outro encontrar-se com vários universos, ou com o seu próprio eu. E ensinar a ler é acender luz na escuridão, é pintar cores no negrume do universo, é parir vida a quem não ver esperança. Aprender a ler é descobrir caminhos, trilhar estradas, singrar mares jamais imagináveis. Quem aprende a ler renasce para uma nova vida, muitas vezes, para a sua própria vida.

Em carta⁶, Paulo Freire (1993, p. 27-38) nos deixa a seguinte lição:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (FREIRE – 1993, p. 27)

Há quem valorize mais o papel do leitor, considerando que este possui uma carga de conhecimentos organizados que utiliza com seus recursos cognitivos para formular hipóteses sobre o conteúdo do texto. Na leitura, a compreensão orienta o reconhecimento de palavras e a observação do texto que ajuda o leitor na confirmação ou negação de suas hipóteses.

Os procedimentos básicos de leitura se apoiam na elaboração de hipóteses e na realização de inferências que conduzem à antecipação e à compreensão do conteúdo de um texto, à identificação de palavras sem o enfoque de letra por letra.

O ato de ler é visto como uma atribuição de sentido ao texto, mediante um processo de formulação de hipóteses e antecipações, no qual há uma intervenção do leitor que o conduzem a realizar a leitura. A ideia de que a leitura é um processo no qual o leitor utiliza as marcas gráficas para formular hipóteses sobre o sentido do texto, é comungada com a que não prende a escrita ao código da oralidade.

6 - Esta carta foi retirada do livro *Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar* (Editora Olho D'Água, 10ª ed., p. 27-38) no qual Paulo Freire dialoga sobre questões da construção de uma escola democrática e popular. Escreve especialmente aos professores, convocando-os ao engajamento nesta mesma luta. Este livro foi escrito durante dois meses do ano de 1993, pouco tempo depois de sua experiência na condução da Secretaria de Educação de São Paulo.

Na compreensão de Carlos de Castro (1996, p. 127),

A escrita é um sistema de sinais que corresponde à organização ortográfica do discurso e aparece sob a forma de caracteres, essencialmente visíveis, sem correspondências exatas na representação da fala. O que se ver não corresponde, exatamente ao que se fala. (CASTRO, 1996, p. 127)

É que aprender o significado com base no escrito, sem a transição deste escrito para a língua oral que acompanha, mas não integra o ato de ler, pressupõe a indicação da realização de outras atividades, responsáveis pela compreensão do que está sendo lido.

A leitura é um estado de equilíbrio entre os processos de identificar e o de verificar as antecipações feitas, cuja intervenção traz uma variação de acordo com o lugar que a palavra está inserida na frase, com a sua forma e frequência, com o grau de intimidade do leitor com o assunto contido no texto. A compreensão de palavras isoladamente não é suficiente para um entendimento de leitura.

Há quem acredite que a leitura é considerada de modo mais amplo, como sendo uma atividade em que a ação do leitor vai além dos procedimentos que ele utiliza para tratar das informações contidas no texto. A leitura é uma ferramenta de compreensão de mundo. É o ato de interpretar e compreender com criticidade uma mensagem por meio de um processo dialógico, no qual a experiência, o conhecimento, as ideias de que o leitor dispõe interagem com as informações proporcionadas pelo texto e pelo contexto no qual ocorre este processo.

Para Abaure (2005, p. 87):

A leitura como instrumento útil de interpretação cultural favorece a apropriação da experiência e o conhecimento humano em um processo dialógico, mediante o qual o leitor tem acesso de forma dialética a outras informações, pontos de vista representações, versões, visões, concepções de mundo... (ABAURE, 2005, p. 87)

Desse modo pensa-se que a leitura constitui-se como ferramenta para interpretar o vivido pelo sujeito-leitor, de acordo com diálogos que ele estabelece com o texto. Nesta relação dialogal, o leitor interpreta, reflete, faz suas inferências, utilizando a informação que o texto transmite e o contexto em que nele se insere, e os instrumentos de suas vivências culturais, o que vai muito além do simples ato de decodificação ou decifração. Assim, ao mesmo tempo em que o leitor interage,

passa a estabelecer uma relação dialógica com o texto e com seu autor. Nesse sentido, o leitor passa a desenvolver não apenas os próprios conhecimentos, como também passa a ampliar as alternativas para focalizar os elementos de leitura e ampliar suas experiências, com um olhar voltado a diferentes perspectivas, enriquecendo sua maneira de ver o mundo e suas experiências de vida.

3.3 O Cordel como instrumento de leitura

A leitura tem como base um processo de representação. Um processo que envolve o sentido da visão, portanto, ler é, por essência, olhar para algo e enxergar outra coisa. A leitura não se realiza por um acesso diretamente ligado à realidade, mas por uma intermediação de outros elementos supostamente reais. Neste contexto da leitura, o elemento intermediador funciona como uma luz mostrando um fragmento do mundo que normalmente não tem uma relação concreta com a própria consistência física. Ler passa a ser um reconhecer de mundo através de reflexos. Como esses reflexos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a leitura só se torna verdadeira e possível quando se possui um conhecimento prévio desse mundo que será lido.

O professor de Língua Portuguesa, ou de outras disciplinas, que nunca pensou em apresentar Literatura de Cordel aos seus alunos, por acreditar que este tipo de leitura traz uma linguagem pobre ou popular demais, ou que não cabe em seu conteúdo, provavelmente esteja cometendo falha de avaliação. Inicialmente porque popular não significa, exatamente, que seja de má qualidade. Depois porque a Literatura de Cordel é um gênero literário riquíssimo que traz, tanto na forma como no conteúdo, diferentes possibilidades de leitura e exploração textual. O cordel é tão rico que muitos especialistas já o consideram como importante ferramenta para desenvolver com os alunos uma verdadeira mudança no hábito de ler.

Em manifesto produzido em formato de cordel, o poeta Eriivaldo Viana (2002, p. 05) faz uma conclamação para que os professores usem a literatura de cordel como elemento de condução à motivação à leitura:

O cordel é um veículo
De grande penetração.
Nas camadas populares
Possui grande aceitação.
Se a métrica não quebra o pé,

Tem contribuído até
Para alfabetização.

Pois o cordel sendo usado
Para alfabetização
Deve respeito à linguagem
Corrente em nossa nação.
Não deve ensinar errado,
Nem pode ser embalado
Nas plumas da erudição.
(VIANA, 2002, p. 05)

O texto do folheto de cordel é um dos instrumentos mais dinâmicos para servir de espelho para que o leitor possa encontrar o reflexo de fragmentos de mundos, e para que ele torne essa leitura mais abrangente. O cordel apresenta-se como recurso inestimável de leitura. Na sua leitura não há muita influência da escrita, pois nela as marcas da oralidade se afirmam, e a força da voz viva se impõe de modo marcante. Ou seja, quando lemos um texto de cordel não interagimos somente com as palavras enquanto objeto, porque o texto se sobressai da escrita e se transforma em sujeito. Sujeito com o qual o leitor interage em enlace de prazer que faz a leitura fluir com maior naturalidade.

O que faz da Literatura de Cordel um instrumento capaz de estimular o hábito da leitura são as suas características que trazem um contágio capaz de encantar o leitor. Esse lado encantador da poesia de cordel acontece devido à musicalidade das rimas, a variação da temática, que geralmente refere-se à cultura popular nordestina, e as construções metafóricas, que muitas vezes foge à raia da realidade, e que costumam despertar para um bom debate.

O folheto de cordel se apresenta com sua forte marca da oralidade, numa sequência de rima, ritmo, repetições, musicalidade oriunda do seu nascedouro, onde sua matriz e motivação transitam pelo espaço da letra para eclodir na voz. Uma voz que se agiganta nas peripécias dos personagens das histórias narradas, que se avoluma no imaginário de quem lê, e de quem ouve e se torna puro ressoar, sem marcas temporais, sem mordanças, leve, solta, livre, numa contrariedade à escrita que é fixa, engessada e finita.

Além do caráter de oralidade, a Literatura de Cordel traz as mais diversas nuances históricas e diferentes possibilidades de leitura. O cordel tem a vantagem de ser uma leitura de linguagem simples, escrita breve com narrativas de fatos reais

e/ou imaginários. Atributos estes, que envolvem, despertam, e fascinam o leitor para novas descobertas no mundo da leitura.

Para trabalhar a poesia de cordel em sala de aula toma-se como ideal a preparação da leitura com antecedência para dar um destaque ao ritmo, à métrica, e à musicalidade que as rimas proporcionam. É importante que o professor treine com seus alunos a entonação, lembrando que é recitando de modo expressivo que os cordelistas e folheteiros chamam a atenção dos compradores para os seus folhetos. Ao utilizar o folheto de cordel como elemento base para leitura é adequado que o professor atue como um modelo de leitor, gerando questionamentos quanto às intenções do autor ao selecionar expressões para análise, e ajudar na construção do sentido que o texto oferece. Para realizar um bom trabalho com a poesia do cordel é fundamental que o professor esteja informado sobre a história e a estrutura poética.

A leitura em voz alta é um bom exercício para estimular os alunos, já que o cordel está fundamentado na oralidade. Para Hélder Pinheiro (2012, p. 27) "Pedir que os alunos levem cordéis para casa e leiam para seus pais é uma boa maneira de aproximá-los do gênero".

O professor ao trabalhar o gênero cordel deve ter um cuidado com os desvios ortográficos, pois esses são típicos da oralidade presente na poesia cordeliana. Nesse sentido, o professor deve explicar que, nesse contexto, esses desvios não são considerados erros, mas traços oriundos da fala coloquial e da cultura popular que permeia o ambiente em que o cordel foi criado.

As metáforas são elementos marcantes na Literatura de Cordel. Esses elementos refletem a relação do povo do sertão com suas crenças e suas vivências cotidianas. É de fundamental importância que o professor conheça os cordéis que serão trabalhados com os seus alunos, para ajudá-los a compreender as metáforas encontradas no folheto lido.

Escolher um bom texto pode fazer a diferença na hora de se trabalhar o cordel em sala de aula. É interessante lembrar que algumas poesias de cordel têm linguagem chula ou pornográfica, e que outras trazem histórias trágicas. Na hora de escolher os folhetos que serão lidos em sala de aula, é preciso avaliar que tipo de público fará uso dessa leitura, para tanto, faz-se necessário, uma leitura prévia por parte do professor para que ele possa descartar aquelas que apresentem temática inapropriada. Deve-se levar em conta a experiência dos alunos, para que sejam

selecionados textos que tratem de temas históricos, lendas, festas religiosas, ou fatos do cotidiano.

Apesar de até pouco tempo haver uma dificuldade em aquisição de folhetos de cordel, hoje essa atividade já traz certa facilidade, pois nas redes sociais encontraremos vários poetas que colocam os folhetos à venda através de sites e blogs. Outros locais de aquisição são bancas de jornal, livrarias, feiras e mercados existentes por todo o Nordeste. Alguns livros trazem publicações de textos de cordéis, mas, nesses casos perde-se a originalidade e a graciosidade do contato com o folheto.

4 PENDURANDO O FOLHETO

O CORDEL NA SALA DE AULA

“Quem descobre no Cordel
O valor do seu rompante
Muda da vida o papel
Se torna mais importante
E deixa então de ser uno
Muda a condição de aluno
Pra se tornar estudante.
(Lucarocas)

4.1 Pendurando o folheto

A utilização da Literatura de Cordel em sala de aula requer uma reflexão sobre vários aspectos, dentre eles, uma percepção sobre as concepções de leitura e literatura que são postos em prática no cotidiano escolar. O uso do cordel é uma maneira de propor um estímulo aos alunos a enxergarem além da estrutura textual, fazê-los ver o que há por trás dessas produções textuais, é sentir a voz que se faz ouvir pelas entrelinhas de uma leitura. Vozes que se identificam com o leitor e o seu viver social.

Nos tempos modernos onde o aluno traz uma mudança de foco em suas leituras pelos estímulos recebidos através de elementos tecnológicos, faz-se necessário que ele venha enxergar o mundo além de si mesmo, correndo o risco de, se não o fizer, ficar isolado do próprio mundo em que vive.

A utilização do cordel como suporte para o trabalho pedagógico pode, adequadamente, trazer grande contribuição para uma educação voltada para a realidade, a partir do momento em que leva o aluno a ter uma visão de mundo, e o faz perceber que esse mundo literário pode se assemelhar ao seu mundo real, o que o levará a ser um cidadão com mais potencial de criticidade e ainda motivá-lo a uma reflexão sobre a posição social em que ele está inserido.

Quando o cordel adentra a escola, na maior parte das vezes, ele entra tímido e serve apenas de objeto decorativo para enfeitar salas de aulas e bibliotecas. Não existe, definitivamente, uma função específica da sua presença, pois os projetos elaborados em torno dessa literatura, quase sempre, são resumidos em sua exploração histórica ou tímidas leituras. A maioria das escolas não possui

peessoas preparadas para explorar o cordel em suas diferentes nuances. Nas salas de leituras e bibliotecas se ver folhetos guardados em caixas ou escondidos dos leitores, ou muito raramente, pendurados em cordão, presos por um “pegador de roupas” num formato de varal alegórico, onde o aluno não tem acesso, e “não pode pegar” para não desfazer a decoração.

O folheto de Cordel quando levado à sala de aula já toma uma postura de objeto de uso, não ainda de desejo, pois às vezes ele é visto com desdém, desprezado pelos menos informados sobre o seu real valor. Mas, pouco a pouco vai ocupando um lugar nas mãos dos leitores mais curiosos.

Aos professores que desejam trabalhar o cordel em sala de aula, é fundamental que selecione qual a categoria do seu objeto de trabalho, a fim de que tenha mais facilidade de extrair o máximo de seus alunos. É preciso ficar atento a classificação de temas existentes nos folhetos de cordel, para que não haja comprometimento no processo de execução das atividades, assim como não criar nenhum transtorno com temas inadequado à classificação do aluno.

Como o cordel traz uma fonte muito rica de informação, “é de suma importância que os professores possam conhecer e interagir com esse tipo de fonte, a fim de conquistar a garantia de sua utilização.” Afirma MACIEL (2010, p. 8).

Devido o texto de cordel ser carregado de toda uma expressão e historicidade relacionadas à cultura popular, faz-se necessário que seja explorado não só em sua expressão literária, mas também como prática de discussão social, por ser esse um ambiente de construção do conhecimento.

Bakhtin (2003 p. 261), afirma que:

Seja qual for a esfera da atividade humana, ela estará sempre relacionada à utilização da língua e essa será efetuada sob a forma de enunciados, orais ou escritos, que irão refletir as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. Neste sentido o cordel pode assumir um papel de destaque na sala de aula, seja como instrumento pedagógico de pesquisa, material didático de leitura, ou meio de discussão sobre os mais diversos assuntos. O professor terá em mãos uma das ferramentas mais valiosas em contexto regional e social para trabalhar leitura com seus alunos, cabe a ele dinamizar a utilização desse material para extrair o melhor que o cordel possui. (BAKHTIN, 2003 p. 261)

4.2 A aula Ilustrada com Cordel

Aula, por definição, pode se dizer que é um ensinamento sobre uma

determinada área de conhecimento, dado por professor a alunos ou pessoas de interesses comuns por um determinado assunto. Para uma “boa aula” é necessário que haja um bom planejamento sobre o modo de exposição do assunto, e os recursos que serão utilizados.

Muitos professores, nas mais diversas disciplinas, estão utilizando a Literatura de Cordel como recurso para “ilustrar” as suas aulas. Ilustrar não no sentido puramente alegórico, mas como elemento de estudo, pesquisa e material didático, pois o conteúdo que é transmitido em versos é mais facilmente absorvido e memorizado pelos alunos.

A escolha do texto de cordel se dá pelo motivo de ser um texto ao qual induz o leitor a usar o recurso da oralidade, já que muitos alunos têm dificuldade nesse aspecto. O uso do texto da literatura popular pode motivar o aluno, para que ele se torne um falante com maior habilidade na articulação de palavras, ou seja, motivado a produzir textos, usando dos artifícios da escrita e da oralidade adequadamente.

A relação entre o modo de produção cultural de uma determinada sociedade, e o conhecimento escolar são pressupostos básicos para a sua compreensão e do seu significado na sala de aula. Nesse contexto, cabe ao professor que deseja trabalhar o cordel em suas aulas, que o faça de maneira a explorar todos os recursos que ele pode proporcionar, adequado à sua disciplina e a sua maneira de ministrar as aulas.

Salienta-se aqui que o folheto de cordel não deve ser um material isolado para estudo, ou único instrumento de exploração, mas uma ferramenta que possibilitará incorporar outros elementos, fazendo um elo de informações que se completam na compreensão dos temas estudados.

O folheto de cordel traz em seu bojo inúmeras possibilidades de ilustração de conteúdo de uma sala de aula, desde seu aspecto textual formal, até as suas características visuais que mostram desenhos e formas das mais diversas imagens de ilustração. Elementos que possibilitam diferentes visões e podem despertar para caminhos diversos na exploração dos recursos que o folheto de cordel possibilita.

4.3 Cordel, da Carta de ABC aos textos atuais

Uma prática comum do povo do sertão do Nordeste brasileiro era, e ainda

é, em algumas localidades, ir à cidade em dias de feira, o popular “fazer a feira”. Normalmente são utilizados os dias de sábados ou domingos para essa atividade. A prática de ir à cidade para comprar mantimentos para garantir o sustento da semana perdura até hoje em muitas regiões, mas notadamente nos locais aonde ainda não chegaram a modernidade do abastecimento. Embora a modalidade de compras tenha mudado, pois já não mais existem as feiras tradicionais, pois as compras de hoje, a maioria das vezes, são feitas em armazéns e supermercados, mas se mantém a fidelidade da compra dos mantimentos de primeiras necessidades e alimentos que não são mais produzidos no campo sertanejo.

Em tempos passados, quando não havia os meios de comunicação hoje existentes, além dos mantimentos comuns à vida do sertanejo, tais como: o açúcar, o café, o sal, o querosene para a lamparina, o sabão, o fósforo, o fumo para o cachimbo ou para o cigarro “bico fechado”, um dos itens que faziam parte da “Cesta Básica” da época, e que dificilmente deixava de ser comprado, era o Folheto de Cordel, mas popularmente conhecido como “Romance”. Ainda hoje, existe gente, principalmente em cidades interioranas, que não conhece nossos folhetos pelo nome Literatura de Cordel, e sim como Romances, Versos ou simplesmente Folhetos de Cordel.

Os folhetos trazidos nas bagagens de feira, quase sempre comprados ou encomendados pelos senhores patrões, os donos da terra, eram destinados aos encontros de fim de tarde, ou da “boquinha da noite” quando se reuniam os moradores do entorno da casa da fazenda para ouvir alguém ler as histórias contidas nos Romances de Cordel. Geralmente quem fazia a leitura era o “patrão” detentor das letras e do poder de mando. Surge assim um ponto de relação estabelecido entre o leitor e o ouvinte, e o cordel passa a torna-se a atração dos encontros, o que desperta para que outras pessoas também desejem fazer a leitura dos folhetos.

Em geral, poucas pessoas eram alfabetizadas com suficiência para ter um porte de leitura capaz de ler os romances, mas quando lidos, a platéia atenda “navegava” no imaginário dos clássicos como Pavão Misterioso, As Proezas de João Grilo e o Cachorro dos Mortos.

Na maioria das vezes a leitura dos folhetos não era um ato solitário, pelo contrário, era uma partilha com uma plateia atenta. Leitura que ao apropriasse do

texto impresso nos folhetos despertava a produção de sentidos, pois o texto lido em voz alta produz diferentes significados para os que ouvem.

O ouvinte não-letrado sucumbia na ignorância de não ler os folhetos, e buscando neles a clareza das palavras para a descoberta do saber decodificar as imagens de história ouvidas. Conhecido em grande parte do Nordeste como “O Professor Folheto”, o cordel foi responsável pela alfabetização de milhares de brasileiros, quando na primeira metade do século XX, cerca de 70% da população nordestina ainda vivia em pleno analfabetismo, e o cordel surgia com uma variedade de títulos e com tiragem em larga escala, e que em poucos meses eram esgotadas.

No Brasil, o folheto de cordel foi, e talvez continue sendo, um dos primeiros livros de leitura de muita gente, em especial na região nordestina. O cordel, no entanto, migrou na bagagem de poetas e cantadores para as diversas regiões do país, marcando presença em diferentes espaços, como feiras, bancas de jornal, escolas e bibliotecas. Na sala de aula, o cordel apresenta-se como recurso inestimável de leitura, que quando bem utilizado faz com que o aluno sintasse motivado ao ato de ler e, quem sabe, estimulado à produção de textos literários de cordel.

Nas palavras de Campos (1977, p. 127) podemos perceber a influência que até hoje o cordel tem no processo de formação do leitor:

Levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores têm se alfabetizado. E quando em nosso país for tratada seriamente a questão da educação do trabalhador, os professores e assistentes sociais poderão encontrar, na Literatura de Cordel, valioso auxílio para o bom êxito das tarefas. (CAMPOS, 1997, p. 127).

5 UM FOLHETO EM CADA MÃO

A EXPERIÊNCIA DE LEITURA COM O TEXTO DE CORDEL

“Quem no Cordel faz leitura
Viaja no imaginário
Adentra a literatura
Busca outro itinerário
E no campo da emoção
Transforma a imaginação
No mais bonito cenário.”

(Lucarocas)

5.1 Um folheto em cada mão

Hoje se percebe que há cada vez mais interesse de professores, estudantes e pesquisadores de todo o Brasil pela Literatura de Cordel, em especial àqueles que têm uma ligação com as escolas públicas, mais notadamente da Região Nordeste. O cordel é considerado como um poderoso veículo de comunicação de massas, e já foi oportunamente batizado de “professor folheto”, por ter sido responsável, durante muitos anos, pela alfabetização de milhares de nordestinos, constituindo assim, em muitos casos, o único tipo de leitura que a população rural teve acesso.

Atualmente, o cordel tem uma maior transividade nas escolas devido a inúmeros projetos que propõem a leitura de folhetos como suporte para o gosto de ler. Além de servir como apoio didático às aulas, a linguagem do cordel também chegou às escolas através de realização de oficinas, exposição e feiras literárias.

Muitas vezes, o cordel chega como elemento decorativo, como aconteceu recentemente (Junho / 2016) no Colégio Integral em Fortaleza, onde o cordel foi usado para decorar a festa junina, utilizado apenas como temática para apresentação de alguns números artísticos, sem efetivo estudo do seu gênero. Os folhetos foram usados, literalmente, para a decoração do ambiente, pois os folhetos estavam pendurados num cordão enfeitando barracas. Há casos em que os folhetos são expostos em feiras culturais, apenas para conhecimento do público. Apesar de ainda tímida, a exposição do folheto cordel nas escolas com pequenas porções de Amostragem faz com que o cordel vá ganhando espaço até chegar à sala de aula, onde é trabalhado como objeto de estudo, pesquisa ou instrumento de leitura.

Neste sentido vemos o trabalho com a Literatura de Cordel em sala de aula como forma de despertar o senso crítico do aluno, a sua capacidade de observar a realidade social, histórica, política e econômica, do meio em que ele vive.

O texto de cordel na realidade traz uma individualidade da língua, onde se inclui as variedades linguísticas particularmente encontradas com o povo nordestino brasileiro. Além disso, o cordel possui diversas temáticas registradas nas mais variadas histórias encontradas nos folhetos. Por esse motivo a Literatura de Cordel fornece material para se trabalhar com abordagens, além dos conteúdos dos gêneros textuais, servirem para explorar diversos assuntos em quaisquer que seja a disciplina. Os temas encontrados nos folhetos de cordel geram possibilidades de debate sobre realidade social atual, mesmo que o texto não seja tão contemporâneo, mas dá para se fazer um paralelismo de época para provocar debates sobre política, economia e outros temas, o que remete a uma sintonia com a visão geral de aprendizagem, uma vez que ele se encaixa no processo de educação formal, e passa a interagir, ao ser usado como instrumento essencial de reflexão e humanização.

5.2 Além da minha prática

Como já foi mencionado anteriormente, o meu contato com o cordel se deu através dos “Romances” lidos, por o tio Martins, quando eu passava férias no sítio onde ele morava. Foi lá que adentrei ao imaginário de histórias fantásticas contidas nos folhetos puídos.

Ouvindo as narrativas dos folhetos foi que me encontrei com os grandes clássicos da Literatura de Cordel, tais como: “As Grandes Aventuras de Armando e Rosa”, “Proezas de João Grilo”, “História de Juvenal e o Dragão”, “O Velho que enganou o Diabo”, “O Romance do Pavão Misterioso”, dentre outros tantos, que só fui ter contato depois que o tempo me fez leitor, e não mais ouvinte.

Quando escolhi a profissão me tornei professor de Língua Portuguesa e fui atuar nas escolas públicas do Estado do Ceará, o que me oportunizou praticar algumas habilidades adquiridas durante o período de formação e, a elas, incorporar a Literatura de Cordel como elemento pedagógico para as minhas aulas.

Trabalhar com Língua Portuguesa, motivou-me buscar novos elementos que incentivasse aos alunos a desenvolver a aprendizagem, em especial, as

atividades da prática de leitura. Pois desde quando iniciei o trabalho nas escolas públicas, percebi que os alunos tinham grande dificuldade em alargar habilidade e gosto pela leitura. Pensando nisso resolvi incorporar a Literatura de Cordel ao material usado no cotidiano escolar.

Na prática, utilizando o cordel, percebi que os folhetos se tornaram grandes atrativos para os alunos. Pois o texto dos folhetos leva à memorização, e isso tem uma relação direta com o modo de compreender o que se lê, e o caráter de oralidade, e as características imaginativas das histórias dos folhetos que atraem bem mais a atenção do leitor.

Ao trabalhar com o cordel, pude perceber uma relevante melhora no desenvolvimento da leitura dos alunos, e que a prática pedagógica foi exitosa na motivação do gosto pela leitura.

A atividade realizada com o cordel em minha prática pedagógica foi o que me motivou para a realização desse trabalho, despertando-me para pesquisar como seria o resultado do uso da Literatura de Cordel por outros professores em seu trabalho em sala de aula. Para tanto, buscou-se realizar uma pesquisa-ação, para procurar compreender como os professores trabalham em suas aulas de Língua portuguesa utilizando a Literatura de Cordel.

Para fundamentar o trabalho, recorreremos à coleta de informações através de pesquisas bibliográficas para a fundamentação teórica, e aplicamos questionários, como forma de coleta de dados, tanto aos professores envolvidos no projeto “O Cordel sem Cordão, um Folheto em Cada Mão”, como aos professores que, apesar de não fazerem parte das etapas do processo de pesquisa, já desenvolviam atividades com o cordel em suas aulas de Língua Portuguesa. Os alunos pesquisados foram apenas os envolvidos com a pesquisa.

O que se espera, é que o trabalho fundamente o uso da Literatura de Cordel como instrumento de êxito para a motivação e melhoramento da leitura, em especial com os alunos das escolas públicas.

5.3 Experimentando a experiência

O trabalho pretende mostrar que a Literatura de Cordel possa ser utilizada em sala de aula, como um recurso didático com as mais diversas disciplinas, e ainda ser utilizada como elemento modificador da maneira de como o aluno pode explorar

a oralidade, e assim, interagir no processo de leitura, bem como oportunizar uma nova leitura de mundo.

A base de estudo se sustentará em projetos, onde os professores trabalham a Literatura de Cordel como suporte para a realização das suas aulas, e mais precisamente no campo da leitura, e apontando propostas para o exercício da escrita.

Intitulado, “O Cordel sem Cordão, um Folheto em Cada Mão”, o trabalho busca compreender se há ou não, melhorias nos processos de leitura, quando os professores de Língua Portuguesa utilizam a Literatura de Cordel como suporte pedagógico. Para tanto, foi elaborado um projeto de intervenção nas atividades aplicadas em sala de aulas de duas escolas, e a contribuição de mais dois professores, que já efetuaram trabalhos com cordel em suas atividades escolares. Os alunos participantes da pesquisa foram os das escolas que participaram de todas as etapas do projeto.

Por uma questão de sigilo foi acordado com os professores e alunos, que seus nomes seriam ocultados, e as referências se fariam com números (01,02) para professores, e com letras (A,B,C...) para alunos.

As escolas que passaram por todo o processo de execução do projeto foram o Colégio Karina Martins, situado à Rua Jorge Severiano, 900 no bairro Vila União em Fortaleza, no Ceará, onde foi trabalhada a turma do 8º ano. O Colégio Modelo situado à Av. Monsenhor Amarílio Rodrigues, 329 no Conjunto São Cristóvão, em Fortaleza, no Ceará. Foi o segundo colégio selecionado para a realização do projeto, onde foi trabalhada a turma do 7º ano.

Aos professores que se propuseram a colaborar com o projeto foi feito um convite especial através “Carta Convite” (Apêndice A p. 74) em forma de versos, acompanhada de uma bolsa e uma camisa personalizada com a logomarca do projeto. Logomarca essa, grafada em todo o material impresso fornecido aos alunos e professores.

O Projeto “O Cordel sem Cordão, um folheto em cada Mão” foi pensado para ser feito em cinco momentos, de modo que contemplasse as diversas etapas de estudo com os folhetos de cordel.

O primeiro momento, que batizamos de “Contato com o Cordel”, se deu quando a turma recebeu folhetos com diferentes títulos e temáticas, para que num rodízio todos os alunos tivessem a oportunidade de ler os cordéis. A dinâmica de

como material seria utilizado, ficou a cargo de cada professor, podendo a leitura ser feita em sala ou em casa. Para esse primeiro momento foi disponibilizado alguns folhetos de cordel do poeta Lucarocas, dentre eles:

- 1 - Eu Sou
- 2 - O Cordel de A a Z
- 3 - Leandro Gomes de Barros
- 4 - O Povo sem Patativa
- 5 - O povo sente saudade de Ariano Suassuna
- 6 - O lenhador e a Morte
- 7 - Louvor a Deus
- 8 - A mão que conduz o filho
- 9 - O Santo Jesus Agreste
- 10 - Ser Psicólogo
- 11 - Canudos de Conselheiro, a redenção do Nordeste
- 12 - O Santo Jesus Agreste
- 13 - Desocupado, Professor ou Deputado?
- 14 - No Ritmo do Gonzagão
- 15 - Reclame de Trabalhador
- 16 - A vingança do seu Lunga
- 17 - Quando Morre a Experiência, toda pobreza se instala
- 18 - O Silêncio de Maria
- 19 - O Mistério do Ovo Quadrado
- 20 - A mentira da Mãe Morta

Para o segundo momento, que foi chamado de “Conhecendo um pouco a história do Cordel”, foi pedido para o professor trabalhar a história da Literatura de Cordel com os seus alunos. O professor poderia usar o recurso que achasse conveniente para essa atividade. Mas como suporte foi disponibilizado um TD intitulado “CORDEL – LINGUAGEM DO POVO LINGUAGEM DA GENTE” (Apêndice B p. 78) para que fosse mais bem conduzido o conteúdo proposto.

Além das informações trazidas sobre a história da Literatura do Cordel, o professor buscaria fazer uma revisão sobre os elementos da estrutura narrativa, de maneira que explorasse os elementos textuais da base de leitura, além de buscar esclarecer os elementos de métricas e rimas, características básicas do cordel.

Como instrumento facilitador da tarefa para fazer com que o aluno compreender melhor as informações sobre o tema foi elaborado um TD (Apêndice C p. 85) com o tema “BASES DE REFERÊNCIA AO ESTUDO DO CORDEL” que procurará fazer um esclarecimento sobre determinados assuntos pertinentes à Literatura de Cordel.

O terceiro momento traz o título de “Trabalhando o Cordel”. Nesse instante do desenvolvimento do projeto percebemos que os alunos já haviam feito contato com os folhetos, e já tinham realizado algumas leituras, além de terem

conhecido parte da história da Literatura de Cordel, por isso foi pensado uma atividade prática de conhecimento textual onde fossem explorados os conteúdos repassados anteriormente pelo professor.

A proposta da atividade era identificar até que ponto o aluno havia absorvido os conteúdos vistos até então, qual o seu grau de interesse, e a intensidade de prazer que ele colocaria em realizar a tarefa. Não foram atribuídas notas aos exercícios para que o aluno não fosse motivado a responder a atividade em troca de algum benefício. Para a análise cognitiva, foi dado ao aluno um teste avaliativo (Apêndice D p. 89) para ser respondido com base num folheto que já havia sido lido em sala de aula, “O Lenhador e a Morte” do poeta Lucarocas (1997):

O LENHADOR E A MORTE

Zé da Lenha lenhador
Um cumpridor de missão
Como bom trabalhador
Devoto de São João
Reclamava de sua sorte
Pedido sempre que a morte
Viesse lhe dar a mão.

Era no cortar da lenha
Um homem muito afamado
Na sua lida ferrenha
Jamais se fez de rogado
Igual a ele ninguém
Sabia usar tão bem
Os fios do seu machado.

Quando ele entrava no mato
Tremia a vegetação
E logo de imediato
Os paus tombavam no chão
E dentro de uma coivara
O fogo queimava vara
Pra transformar em carvão.

Zé da Lenha prosseguia
No seu fado lenhador
Mas quando a chuva caia
Virava um agricultor
Fosse na lida da roça
Ou à noite na palhoça
Queixava-se ao Senhor.
Reclamava do machado
Que não cortava tão bem
Do corpo velho e cansado
Já se queixava também
E nessa melancolia
Conversava todo dia
Com o Senhor no além.

Foi vendo o tempo passando
Sem de nada melhorar
E com Deus ia conversando
Sempre sempre a reclamar
Perdido sem rumo norte
Implorava para a morte
Um dia lhe visitar.

Toda tarde ele sozinho
Trazendo um feixe pesado
Pisava o mesmo caminho
Com o seu fiel machado
O valente Zé da Lenha
A sua carga desdenha
Por ter o corpo cansado.

Recostado em juazeiro
Profere reclamação
Apela pro padroeiro
O santo da devoção
Pra lhe tirar dessa sorte
Pede a presença da morte
Para dar-lhe a redenção.

De tanto pedido feito
De tanto choro chorado
Deus resolveu dar um jeito
Naquele fardo pesado
Fez com que descesse a morte
Para fazer o transporte
Daquele pobre coitado.

No outro dia o lenhador
Trouxe um feixe bem maior
Se lamentando ao Senhor
Pedia vida melhor
E nessa lamentação
Deixou-se cair ao chão
Molhado todo em suor.

Já era boca da noite
Tinha encompridado o dia
Quando lhe bateu em açoite
Um tanto de ventania
Um reboiço no céu
Passou fazendo escarcéu
E lhe causando agonia.

Nesse instante uma oração
Começou a debulhar
Apelou pra São João
O santo do seu altar
Se agarrou com o machado
Quando viu vindo do lado
A morte se aproximar.

Zé da Lenha teve medo
Ficou todo atrapalhado
Pensou em todo arvoredado
Que já tinha derrubado
Pedi perdão ao Senhor

Foi confesso pecador
Por usar o seu machado.

Porém aquela visagem
Estava ali pra ficar
Pois não perdia viagem
Quando alguém vinha encontrar
E disse pro Zé da Lenha
Caboclo medo não tenha
Pois eu vim pra te buscar.

Zé da Lenha gaguejou
Mas não dava pra correr
A dor no peito atacou
Começou logo a tremer
E sofrendo uma agonia
Sentiu que naquele dia
Era o dia de morrer.

A morte foi se explicando
Justificando o chamado
Pois seu Zé tava implorando
Para então ser ajudado
Pois chegava a sua presença
Para confirmar a crença
Do pedido formulado.

Zé da Lenha relaxou
E foi logo esclarecendo
Toda história explicou
Da dor que estava sofrendo
A morte só escutava
Porém não acreditava
Naquilo que estava vendo.

Esclarece o lenhador
Os pedidos que fazia
Para o seu santo e Senhor
Em sua oração do dia
Era pra morte ajudar
E com o Zé carregar
A lenha que ele trazia.

Com esse descaramento
A morte então se irritou
Resmungou no seu lamento
A vergonha que passou
E rasgando o passaporte
Livrou Da Lenha da morte
E para casa voltou.

Depois dessa aparição
O céu logo escureceu
O Zé findou oração
Logo depois se benzeu
E pegou o feixe de lenha
Enveredou pela brenha
E para casa correu.

E desse dia pra cá
Zé mudou sua oração
Aprendeu melhor rezar
Pro santo de devoção
Não arriscou mais a sorte
Nem apelou mais pra morte
Fazer sua salvação.

Zé da Lenha lenhador
Permanece no roçado
E devoto do Senhor
Cumprindo sempre seu fado
Mas quando pensa na morte
Se mostra muito mais forte
No manejar do machado.

Fortaleza, agosto de 1997.
(LUCAROCAS, 1997)

O quarto momento foi chamado de “Percepção do Aluno”, onde se buscou captar do aluno o seu entendimento durante a fase em que ele teve o cordel como base de estudo. Através da aplicação de um questionário de percepção (Apêndice E p. 94) procurou-se entender até que ponto o aluno teve o cordel no processo de conhecimento sobre o tema estudado, e a sua visão de mundo a partir da leitura dos folhetos, e se houve; ou não, melhoria na sua prática de leitura.

No quinto e último momento do projeto, que foi intitulado “O Olhar do Professor”, tentou-se perceber a trajetória executada por cada professor em fazer parte do projeto. Quais as suas dificuldades e desafios em trabalhar o cordel com os seus alunos, se houve ou não, condutas positivas na realização das atividades e se, de algum modo, o cordel o motivou para novas experiências etc. Para colhermos essa visão do professor foi elaborado o questionário “Olhar do Professor” (Apêndice F p. 96) com perguntas diretas e com espaços para que ele expressasse a opinião sobre a sua experiência.

As informações fornecidas, tanto por alunos, quanto por professores, foram cuidadosamente analisadas, e por haver semelhanças de respostas e opiniões, nos foi dado o direito de selecionar àquelas que melhor contribuíssem para a qualidade do nosso trabalho.

Para encerrar o projeto, foi feita uma visita de agradecimento às turmas que participaram das atividades. Nesse instante foi detectado o encantamento do aluno/leitor em relação ao escritor de cordel, o cordelista. Já que os folhetos lidos pertenciam a um cordelista “vivo”, pois há uma ideia subjetiva de que o autor é algo

distante, “morto”. Nesse contexto esclarece Kleiman (2009, p 124):

A atividade de leitura corresponde a uma interação a distância entre leitor e autor via texto. Ao autor, cabe a tarefa de apresentar, da melhor maneira possível, os melhores argumentos, a evidência mais convincente, organizando e deixando no texto pistas formais a fim de atingir o seu objetivo. A partir daí, o leitor constrói um significado global para o texto, utilizando-se, sempre que possível, da experiência de vida que antecede o encontro com o texto. (KLEIMAN 2009, p.124)

Como agradecimento, o poeta Lucarocas presenteou os alunos com um “Mimo”, um míni folheto de cordel intitulado “Abraço de Gratidão”:

ABRAÇO DE GRATIDÃO

Autor: Lucarocas

Meu caro amigo leitor
Tenha minha gratidão
Por ser colaborador
Desse “Cordel sem Cordão”
E assim contribuir
Para que possa existir
“Um Cordel em Cada Mão”.

Eu espero que o Cordel
Lhe desenvolva a leitura
E que descubra o papel
Que tem a literatura
E que cada folheto lido
Tenha lhe dado um sentido
Da nossa imensa cultura.

O Cordel é universo
Da grande imaginação
Que na mensagem do verso
Faz grande transformação
E quando lido com calma
Ele apazigua a alma
E traz luz ao coração.

E dentro desse momento
De alegria completa
Você tenha um sentimento
Que pra uma vida correta
A leitura ganhe espaço
Como o que tem no abraço
Do Lucarocas Poeta.

Fortaleza, Abril de 2016.
(LUCAROCAS, 2016)

Além do trabalho desenvolvido com o projeto, foram analisadas outras experiências de professores que trabalham com a Literatura de Cordel, como a do professor Alexandre Magno Nascimento Santos, que fez um projeto com a Literatura

de Cordel na Escola São Pedro, em Caririaçu no Ceará. O professor desenvolveu, juntamente com os seus alunos, o intitulado “A importância do cordel para a formação de jovens escritores”, que foi classificado para a IX Feira Regional de Ciência e Cultura da Região do Cariri, no Ceará, com os seguintes objetivos: incentivar a leitura e escrita através da arte e cultura do cordel, estimular os alunos a realizarem outras leituras, aperfeiçoando os conhecimentos cognitivos e afetivos dos mesmos, fazer reflexões a respeito da Literatura de Cordel com o escritor cordelista Lucarocas.

O projeto foi estabelecido como área de estudo a Escola São Pedro. A pesquisa ocorreu com os alunos do 8º ano da manhã e 9º ano da tarde da referida instituição, somando um total de 60 discentes. Foram feitas aulas expositivas e práticas de produção de cordel como: estrofação, rimas, redação e correção de textos, com o professor orientador. Foi apresentado o livro “Encontro Visão de Luz” do escritor Lucarocas (2014) em que foram escolhidos alguns poemas para estudo. Após esse processo, foram gravados vídeos, nos quais os alunos puderam levar as suas inquietações para o próprio autor, que respondeu a todos. Houve ainda a participação em uma oficina sobre criação de cordéis oferecida pelo SESC, onde os alunos puderam apresentar as histórias criadas por eles na presença do cordelista Lucarocas, para o deleite do autor.

Assim como o projeto da escola de Caririaçu, outra experiência foi registrada como base para a feitura do nosso trabalho, que foi desenvolvido pela professora Flaviana do Nascimento Eufrásio, do Colégio Mater Dei situado à Rua Cerejeira, 478 - Parque das Palmeiras em Maringá- PR. Neste colégio, a professora faz um projeto de cordel com alunos dos 5º anos, onde foi tomado como base, os cordéis do poeta Lucarocas. Assim como no projeto do professor Alexandre, os alunos da professora Flaviana também interagiram com o autor através de diálogos utilizando vídeos.

Todas as experiências executadas com o cordel e vivenciadas pelos professores e alunos serviram de base de estudo para o nosso trabalho. Como já vimos, as impressões e olhares das experiências vividas foram captados através de questionários, cujas respostas serão transcritas e ajustadas ao perfil do nosso estudo, e serão de fundamental importância para responder a inquietude sobre o uso do cordel como experiência de leitura dentro do projeto “O Cordel sem Cordão, um Folheto em cada Mão”.

5.4 A Leitura do Cordel na visão do professor

Cada professor tem uma maneira diferente de trabalhar o conteúdo em sala de aula. Para o nosso trabalho foram analisados dois tipos de experiências. A primeira dos professores que seguiram um roteiro de um projeto previamente elaborado, e a segunda de professores que fizeram atividades utilizando o cordel, mas que não cumpriram a programação pré-elaborada do nosso projeto, pois já tinham suas próprias programações em sala de aula, mas nem por isso deixaram de dar a sua valiosa contribuição.

O nosso primeiro foco dar-se-á através dos olhares dos professores 01, 02 (números usados para omitir o nome dos professores) que participaram do projeto em toda a sua trajetória de execução.

Questionados se antes de trabalhar com o projeto os professores já haviam tido contato com a Literatura de Cordel, ambos foram positivos nas respostas. Para o professor 01, o primeiro contato foi muito breve quando estava na faculdade. Já para o professor 02, seu contato se deu através de feiras literárias e de pessoas próximas que cultivavam o hábito de leitura de folhetos. Para os professores, a experiência com esse primeiro contato com o cordel foi muito boa, pois passaram a despertar interesse em conhecer melhor esse gênero literário.

Perguntados sobre a sua relação de amizade com autores, ou admiradores do cordel, se lembravam de qual foi o primeiro texto lido. O professor 01 afirmou ter amigos que lhe motivaram conhecer essa linguagem, e que não lembrava: “A memória falha”, afirmou. Já o professor 02 afirmou a alegria de ter um irmão cordelista, e que lembrava um texto que o marcou bastante, que foi sobre a vida do poeta Patativa do Assaré.

O interesse maior do trabalho é focar nas atividades com o cordel em sala de aula, e como foi a experiência dos professores quanto a aplicação do projeto numa sistemática de estudo planejado sobre essa linguagem literária. Para o professor 02, o trabalho foi desafiador, e ao mesmo tempo fascinante, pois, segundo ele, o novo tipo de linguagem despertou os alunos para uma curiosidade de formas e aspectos textuais, de construções de história e de um recriar de imagens sobre novos personagens e temas.

Na sua dinâmica de trabalho, o professor 02 utilizou a roda de leitura para

explorar a oralidade do cordel que foi dinamizada através de jogral e declamação pelos alunos. Na questão de produção de texto, motivou os alunos a escreverem sextilhas e montarem folhetos com três estrofes, que foram, segundo ele, ilustrados pelos próprios alunos e expostos em sala de aula.

Para o professor 02, o mais desafiador para os alunos foi a construção das rimas, pois a busca de uma sonoridade para o final das palavras em cada verso fazia com que o aluno se sentisse motivado a uma nova descoberta de palavras. Um exercício para montar um “Banco de Rimas” foi o suficiente para que os alunos produzissem suas estrofes com rimas mais adequadas.

Segundo o professor 02, trabalhar com a Literatura de Cordel fez com que os alunos tivessem mais interesse pelas aulas e despertasse, ainda mais, para a vontade de ler, já que o cordel trouxe a possibilidade de se explorar a oralidade, e com isso fez uma quebra de sentido de timidez para um manifesto de ação oral, ou seja, alunos que antes se envergonhavam de fazer uma leitura, com o uso do cordel teve esse medo quebrado. “Houve casos em que os alunos se recusavam a sair de sala após uma avaliação, para ficarem lendo os folhetos” confessa.

Para o professor 02:

Foram aulas proveitosas e os alunos gostaram e ficavam ansiosos esperando a próxima, mas isso só foi possível pela maneira como foi ministrada as aulas. Seria bom que o projeto ‘O Cordel sem Cordão, um Folheto em Cada Mão’ fosse levado a outras escolas, mas precisaria ser repassado por pessoas que gostem bastante do assunto, e trabalhasse de maneira interessante. (...) O cordel é muito importante, pois conta histórias e preserva tradições e informa fatos que é marcante na cultura do Nordeste do Brasil. (PROFESSOR 02, 2016)

Sobre a Literatura Popular Brasileira, a Literatura de Cordel devia ser objeto de estudo obrigatório nas aulas de Língua Portuguesa, o professor 02 foi categórico em afirmar que sim “pois poderia torna-se um grande aliado do professor e influenciar de maneira positiva o desenvolvimento cognitivo dos alunos”.

Na sua experiência em trabalhar o cordel em sala de aula, o professor 01 relata que houve, inicialmente, uma resistência por parte dos alunos, pois os mesmos não queriam aceitar algo que não conheciam. “Primeiro eles questionaram a importância que o cordel poderia ter na vida deles. Depois eles passaram a aceitar e ler. Com isso pararam de questionar”. Afirma o professor. Para atrair a atenção dos alunos para a leitura dos folhetos, o professor passou a reservar cerca de dez a quinze minutos de cada aula para um exercício de leitura. Leitura essa que obedecia a uma dinâmica: ora era lido um folheto em “silêncio”, ora era feita uma leitura em

voz alta, num revezamento de aluno para aluno. Nessa sistemática foram lidos todos os folhetos disponíveis para estudo.

Dando prosseguimento às atividades, o professor reservou uma aula para explorar o material informativo sobre a história do cordel, e outra para que explorasse as tendências de uso da linguagem do cordel e a sua aplicabilidade, e finalizou com a aplicação do exercício sobre o cordel “O Lenhador e a Morte”.

Na concepção do professor 01, as atividades utilizando o cordel motivaram os alunos no processo de leitura, e segundo ele, os alunos que participaram das atividades passaram a ter mais gosto pela leitura, tanto de texto de cordel, como de outros textos. Quanto ao interesse em desenvolver a escrita do texto de cordel não houve tanta manifestação, pois alguns alunos acharam que escrever cordel não é tão fácil.

Para o professor 01:

Esse Projeto é muito importante para semear a história do cordel e para valorizar os cordelistas que, infelizmente, não são tão reconhecidos no mercado. Seria ótimo que esse projeto fosse levado a outras escolas, pois a cultura deve ser sempre valorizada, e o cordel é uma fonte importantíssima para que as pessoas fiquem por dentro das histórias dos personagens regionais. O cordel resgata personagens históricos que ficam às margens e dá vida a eles, abordando os feitos dos mesmos que mais chamam a atenção dos leitores e trabalha de forma humorística. (PROFESSOR 01, 2016)

Questionado sobre a Literatura Popular Brasileira, a Literatura de Cordel devia ser objeto de estudo obrigatório nas aulas de Língua Portuguesa, o professor afirma que sim. “Deveria ter pelo menos um capítulo em cada série trabalhando esse tema.”

Trabalhar com a Literatura de Cordel em sala de aula é sempre um desafio. Como vimos nos relatos de experiências dos professores que participaram do nosso projeto. Não foram só eles que sentiram na vivência o desafio e o prazer de trabalhar com essa literatura tão encantadora e surpreendente.

Buscamos ouvir professores que em sua prática de sala de aula colocam o cordel como suporte pedagógico e o fazem de elemento de estímulo à leitura. Os professores Alexandre Magno da Escola São Pedro de Caririaçu no Ceará, e a professora Flaviana Eufrásio do Colégio Marter Dei da cidade de Maringá no

Paraná foram voluntários em colaborar com o nosso trabalho, pois esses professores já fizeram atividades com o cordel em sala de aula.

O Professor Alexandre ao trabalhar o cordel com os seus alunos, e com isso oportunizou a eles um leque de recursos que os ajudarão em várias carências de aprendizagem, como a produção textual, a leitura, a escrita, a linguagem não verbal (na análise da xilogravura, uma das ilustrações da capa do cordel), e a apreciação artístico-literária. Para o professor, “É importante também possibilitar ao aluno o conhecimento da linguagem cordelista, enfocando a cultura nordestina em prol da valorização das nossas raízes”.

Segundo o professor Alexandre Magno:

O incentivo ao mundo cultural do cordel proporcionou aos jovens participantes da ação diversas oportunidades, entre elas a formação de ser pensante e gerador de conhecimento; a aproximação entre leitor e autor quebrando paradigmas; e principalmente a conquista de novos conhecimentos. O projeto produzido foi apresentado na sala de aula, na escola e no SESC. Com isso encontramos sinalizações positivas no desempenho dos alunos nas aulas, nas interpretações cognitivas construídas e, principalmente, na produção textual dos conteúdos propostos na sala de aula. (MAGNO, 2016)

Assim como o projeto do professor Alexandre foi uma experiência exitosa, encontramos outro trabalho, onde os cordéis são utilizados como base para o desenvolvimento da leitura. A professora Flaviana do Nascimento Eufrásio do Colégio Mater Dei na cidade de Maringá no Paraná é um exemplo. Ela desenvolveu atividades com alunos dos 5º anos do ensino fundamental. Para que a atividade tivesse êxito foi preciso primeiro romper a resistência manifesta pelos alunos em relação ao tipo de texto, já que a escola fica no sul do país, onde o cordel não é um gênero tão conhecido, e esse tipo de literatura é mais comum no Nordeste. “Quebrada essa primeira fase fomos, gradativamente, colocando o cordel como texto para as aulas de língua portuguesa.”

Segundo Flaviana, os alunos pegavam os cordéis para ler e depois iam contar a história para os colegas. Essa interação permitia um exercício de leitura e oralidade, assim como um estreitamento de relação entre os colegas. Além das leituras dos cordéis, eles se aprofundaram no conhecimento da história dos folhetos através de pesquisas. “Um dos fatos marcantes se deu quando os alunos gravaram vídeos fazendo perguntas ao poeta Lucarocas, autor dos cordéis usados

nas aulas.” Diz Flaviana, que afirma ainda: “Depois dessa intervenção com os cordéis, os alunos se motivaram ainda mais para o exercício da leitura”.

Considerando o cordel como um excelente material pedagógico de incentivo à leitura, e como os projetos são desenvolvidos, e suas experiências em sala de aula e a visão futura dos projetos de cordel, afirma a professora Flaviana Eufrásia (2016):

O cordel poderia ser usado nas diferentes disciplinas, principalmente em História e Geografia, já que nos cordéis encontramos assuntos relacionados a diversos aspectos históricos, políticos e geográficos. (...) Os projetos com o cordel deveriam ser difundidos, pois são de suma importância, pois eles expandem a cultura nordestina, bem como a sua respectiva literatura, e Literatura de Cordel deveria ser estudada em todas as escolas assim como é a Literatura Brasileira e Africana. (EUFRÁSIA, 2016)

Indagada sobre o projeto “O Cordel sem Cordão, um Folheto em Cada Mão”, a professora profere o desejo de que o projeto seja estendido a outras escolas e que esse tipo de projeto deveria ter o amparo do governo em uma escala nacional, a fim de que abrangesse todas as regiões.

Como podemos perceber pelos relatos dos professores, a utilização da Literatura de Cordel como ferramenta pedagógica para a motivação à leitura, torna-se um instrumento viável para criar nos alunos encantamento e despertar para uma nova descoberta de mundos e possibilidades de construção de novas leituras.

5.5 As mudanças no interesse de ler – Com a palavra o leitor

O processo ensino aprendizagem vive em constante mutação, e diante desse quadro, sabe-se que o contexto educacional, desde os tempos mais remotos, vem sempre relutando em relação às novidades do processo de ensino, ou seja, diante de constantes mudanças, há sempre uma resistência ao novo, ao desconhecido, principalmente por motivar alunos e professores a saírem do sistema estático de ensino, e para agravar ainda mais, o aluno de hoje não cultiva o hábito da leitura, e conseqüentemente, a capacidade de interpretar ou discutir o que está lendo e de que se trata o texto lido. Outro agravante é a invasão das novas tecnologias que deixam os alunos ainda mais longe dos textos e das leituras.

Devido a essas dificuldades de leituras, e buscando enfrentar desafios, foi que tentamos implantar a Literatura de Cordel como uma nova ferramenta que fosse

um suporte pedagógico de leitura para tentar criar um fio condutor entre o aluno e o professor nesse processo da busca do ensino aprendizagem.

Para o desenvolvimento do nosso trabalho sobre o uso do cordel em sala de aula foram submetidos a observações e aos questionamentos quarenta alunos, sendo dez do 8º ano do Colégio Karina Martins, em Fortaleza - Ceará, e trinta das turmas de 7º ano do Colégio Modelo também em Fortaleza.

Ao analisarmos as informações prestadas pelos alunos, percebeu-se que muitas das respostas estavam com o mesmo teor de conteúdo, o que causava grande repetição de informações. Para melhor ajustar as respostas ao propósito do nosso questionamento foram selecionados vinte questionários cujas respostas se diferenciavam e mostravam um perfil daquilo que se buscava observar.

Quando questionados sobre se conheciam o cordel antes do projeto, e como tinham sido o contato com ele em sala de aula, a maioria afirmou que nunca havia tido conhecimento desse tipo de literatura. Quanto ao contato em sala de aula houve uma manifestação de encantamento pela novidade, de como os textos eram escritos, o tipo de ilustração das capas dos folhetos e as histórias narradas pelo autor.

Para o aluno A do Colégio Modelo, foi emocionante, porque nunca teve contato com o cordel antes do projeto. “Achei a experiência ótima e espero que no ano que vem esse projeto aconteça de novo”. O aluno B, também do Colégio Modelo afirma que achou ótimo o cordel, “as leituras são boas”. “Eu amei esses livros”.

Para o aluno C, do Colégio Karina Martins, o seu primeiro contato com a Literatura de Cordel foi na sala de aula com o projeto “O Cordel sem Cordão, um Folheto em Cada Mão”. Para ele foi uma experiência muito boa porque ele nunca havia tido contato com esse tipo de literatura. “Foi aí que eu descobri como é interessante essa literatura de folhetos”.

O aluno D do Colégio Karina Martins, surpreende ao afirmar que já havia tido contato com o cordel algum tempo atrás quando estudava em outro colégio. Ele lembra que foi “O menino de Ouro”, o título de um dos primeiros cordéis que ele leu. Dentre os cordéis lidos no período da realização do projeto, ele diz ter gostado do folheto “A Vingança do seu Lunga” do poeta Lucarocas, porém se diz surpreso com o texto, pois teve um final inesperado. Perguntado sobre se a Literatura de Cordel melhorou o seu desempenho de leitura, ele afirmou: “Sim. Porque é sempre bom ler

e ver coisas novas, pois isso irá ajudar a conhecer ainda mais palavras desconhecidas”.

Durante a realização do projeto foram disponibilizados vários folhetos de cordel para que os alunos pudessem ter um livre acesso à leitura. Segundo as informações dos professores que acompanharam as atividades, os seus alunos leram a maioria dos folhetos em um processo de rodízio com livre escolha de títulos.

Perguntados sobre qual cordel foi lido, e qual a impressão que tiveram sobre a leitura. O aluno E do Colégio Karina Martins disse que foi muito importante ter o contato com o cordel. “Fiz do cordel a minha nova paixão de leitura”. Concluiu. Já para o aluno E do Colégio Modelo, diz que a experiência foi muito legal, “Gostei bastante das palavras, as formas de como elas combinam, as rimas e outras coisas”. O aluno F do Colégio Modelo se diz sentir muito feliz com a descoberta do cordel, pois, segundo ele, traz uma maneira diferente de ler textos e conhecer novas histórias, “Eu me senti muito alegre por ter uma experiência sobre o cordel”.

Ao observarmos o comportamento dos alunos com as atividades com a Literatura de Cordel e analisarmos todas as respostas dos entrevistados, percebemos que a maioria viu no cordel uma nova possibilidade de leitura e uma maneira diferente de ver o mundo. Muitos deles relataram ter passado a entender melhor certos temas e conhecer alguns assuntos a partir da leitura dos folhetos. Para outros o contato com o cordel foi uma maneira diferente de conhecer novas aventuras literárias e encontrar personagens fictícias e reais que os levaram a uma reflexão de vida e a perceber um novo contexto de mundo, fatos que só foram possíveis através de leituras motivadoras, como as que são propostas pela Literatura de Cordel.

O universo do cordel trouxe para alguns alunos um despertar do “querer fazer”. A aluna G do Colégio Modelo relata que para ela seria um sonho escrever um cordel e poder dizer para os seus amigos que é uma cordelista. “Eu um dia vou ser uma escritora, e quero começar escrevendo cordel” Escreveu em seu depoimento.

Ao vermos a sensibilidade desperta pelos alunos ao terem o contato com o cordel, notamos como grande é a possibilidade de se trabalhar com esse recurso didático. Quando o aluno desperta para o interesse da produção do texto do cordel, traz perspectivas para que a escola amplie seu projeto de leitura, e para a feitura do cordel, avanço que possibilitará ao aluno um novo desempenho em seu aprendizado.

Numa visão geral, concluímos que os alunos, de uma forma ou de outra, se sentiram motivados à leitura e a escrita através do acesso do cordel em sala de aula, e que a permanência dessa literatura contribuirá significativamente para a melhoria do ensino- aprendizagem como um todo.

Assim sendo, o olhar do aluno nos confirma a hipótese de que ao usar o cordel como instrumento pedagógico em sala de aula, contribui, positivamente, para a experiência com a leitura e uma possível motivação para a produção de textos de cordel.

6 RECOLHENDO O CORDÃO, PROMOVENDO O CORDEL

“Quem busca fazer leitura
Com força além da visão
Adentra à literatura
Na busca de compreensão
E se fizer bom papel
Vai encontrar no Cordel
A grande motivação.”
(Lucarocas)

A linguagem popular brasileira, através da Literatura de Cordel, vem ocupando grande espaço no cenário nacional. Isto ocorre devido a fatores como o surgimento de novos interesses em pesquisar no cordel, a abrangência de temas que nele contém. Pesquisadores e educadores encontraram no Cordel um elemento de magia e encanto de saberes, fincado nos versos e estrofes dos folhetos. Das mais incríveis histórias ficcionais aos relatos reais, o cordel traz sempre uma maneira encantadora de fisgar o leitor. O cordel traz elementos essenciais para convidar o aluno a descobrir um mundo novo de aventura e conhecimento, tornando-se um eficaz Instrumento para um bom trabalho em sala de aula.

Ao pesquisarmos a Literatura de Cordel como base de trabalho em sala de aula, buscou-se gerar reflexões a respeito de concepções de leitura, literatura e método de um cotidiano escolar com a utilização do texto de cordel. Partimos do pressuposto de que o cordel é uma maneira de envolver o aluno, para que ele desperte para o contexto oculto nas narrativas encontradas nos folhetos. Não somente pelo propósito da exploração do textual em si, mas com um valor agregado em relação às manifestações que a ela são incorporadas. Manifestações que envolvem questões políticas, culturais e morais.

Enquanto o mundo se fecha em uma bolha tecnológica ofuscando o olhar para muitas outras coisas, é preciso que sejam criados elementos que façam com que esse mundo passe a ser visto com um novo olhar, e o aluno, principalmente o da escola pública, que precisa perceber esse mundo com um olhar mais atento, caso contrário, ele corre o risco de ficar à margem do próprio ambiente em que vive.

O professor, ao usar a Literatura de Cordel como suporte pedagógico para a leitura, pode estar fazendo com que essa literatura funcione como um sujeito

contribuinte para uma educação voltada para a realidade, mesmo que o cordel traga em seu bojo elementos de ficção, pois traz para o aluno uma maneira diferente de olhar o mundo.

São nas diferentes leituras propostas pela Literatura de Cordel, que firmamos a nossa ideia de que esse tipo de literatura, quando bem trabalhada em sala de aula, pode trazer um benefício para o aluno como leitor e como cidadão consciente do seu papel na sociedade. A partir do momento em que o aluno tem essa percepção, torna-se mais fácil para ele perceber-se como um ser pensante e crítico, capaz de compreender a sua importância como sujeito social, e conseqüentemente, tornar-se sujeito da sua própria história com condições de promover melhores mudanças no seu exercício de cidadania.

O trabalho mostrou que a Literatura de Cordel pode ser utilizada em sala de aula como um recurso pedagógico para as mais diversas disciplinas, e também ser usada como elemento modificador da maneira de como o aluno pode explorar a oralidade, e interagir no processo de leitura, assim como oportunizar uma nova leitura de mundo.

Fecha-se o cordão com o propósito de que a escola consiga fazer do cordel uma ferramenta de exploração de saberes para uma construção de fazeres, e que realmente, se tenha a oportunidade de difundir essa cultura literária fazendo com que se possa ter um cordel em cada mão.

6.1 O Cordel Além do Projeto

Partindo do princípio de que o projeto “O Cordel sem Cordão, um Folheto em cada Mão” foi uma ação exitosa e conseguiu, de alguma maneira, motivar alunos e professores a trabalhar com o cordel em sala de aula despertando o alunado para um novo olhar para essa literatura, surgiu a ideia de ampliar essa iniciativa e assim alcançar outras unidades escolares do estado do Ceará.

Com intuito de melhor difundir a Literatura Popular Brasileira, a Literatura de Cordel nas escolas públicas do estado do Ceará, desenvolvemos o Projeto “O Cordel sem Cordão, um Folheto em Cada Mão, nas Escolas Públicas” que disponibilizará gratuitamente um quite com cordéis, e um manual para facilitar a feitura do cordel. O material enviado será destinado à biblioteca da escola e servirá de suporte para os professores que queiram desenvolver projetos sobre a

Literatura de Cordel. O projeto é uma iniciativa do Professor, Poeta e Comunicólogo Lucarocas.

No site foi disponibilizado o seguinte material:

1 - Um manual "**Introdução à Feitura do Cordel**" que facilitará a compreensão dos alunos e professores que se interessarem na produção de textos de cordel.

2 - Um folheto de Cordel "**O Cordel de A a Z, os Apontares do Fazer**" que servirá como apoio para quem se interessar em produzir cordel.

3 - Um folheto intitulado: "**Eu Sou**" que mostra a nuance poética do Poeta Lucarocas.

4 - Um cordel sobre **Leandro Gomes de Barros**, considerado o pai do cordel que poderá levar o aluno à pesquisa sobre esse autor.

5 - Um folheto intitulado "**O Povo sem Patativa**" que mostra nuance da vida de um dos maiores poetas populares do Brasil.

6 - Um folheto com o título: "**O Povo sente saudade da Cultura de Ariano**", folheto homenagem que mostra a importância de Ariano Suassuna para a cultura brasileira.

7 - O folheto "**O Santo Jesus Agreste**", cordel que mostra a saga de um nordestino diante das dificuldades enfrentadas durante um período de seca no sertão nordestino.

8 - O folheto "**O Lenhador e a Morte**", um cordel de humor suave que leva a pessoa a uma reflexão, e que traz em sua forma de linguagem material para estudar os elementos da estrutura narrativa.

9 – O folheto ecumênico intitulado: "**Louvor a Deus**", que mostra o quanto se deve valorizar essa energia maior chamada Deus.

10 – Um cordel intitulado: "**A Mão que Conduz o Filho**", que faz parte de uma palestra ministrada pelo poeta Lucarocas nas escolas e/ou grupo de pais e professores, que mostra que a condução da vida de uma pessoa depende muito de quem, e como essa pessoa é acompanhada.

11 – Um folheto com o título: "**Ser Psicólogo, um instante de reflexão**" que mostra a importância do trabalho da psicologia na vida do ser humano.

Para que o projeto fosse realizado, fez-se necessário dividi-lo por etapas, a saber: a primeira etapa se deu com a divulgação do projeto através de e-mail e redes sociais, onde era disponibilizado um formulário de inscrição para as escolas

interessadas. Feita a catalogação dos dados das escolas, eram escolhidas as que seriam beneficiadas. O caráter de seleção se deu mediante ao número de escolas escritas até completar o número de vagas para cada seguimento: capital e interior.

Devidamente selecionadas e catalogadas, as escolas passaram a receber os quites pelos Correios. Os envios eram feitos por lotes, contemplando, igualmente os dois seguimentos. Junto com o material impresso era enviada uma carta de orientação sobre o uso do cordel na escola. Era pedido, também para que os diretores, ou coordenadores escolares acusassem o recebimento do material.

Para o acompanhamento do projeto foi criado um Blog com o seguinte endereço: <http://cordelsemcordao.blogspot.com.br>. Como o projeto se encontra em processo de construção, o blog será alimentado no decorrer do desenvolvimento dos trabalhos.

Como apoio ao desenvolvimento do projeto, são feitas visitas às escolas para realização de palestras e/ou oficinas sobre temáticas que envolvam o cordel.

Acredita-se que com esse projeto, a Literatura de Cordel possa adentrar as escolas, e através de trabalhos com alunos, motivá-los à leitura e à descoberta de novas aventuras que trazem no prazer de ler folhetos.

7 FECHANDO O NÓ DO CORDÃO - CONCLUSÃO.

Ao analisarmos a literatura científica vamos perceber que os cordéis são vistos como uma fonte de importante informação, que traz em seu bojo diferentes conteúdos de pesquisa para os mais diversos assuntos. Neste sentido, a Literatura de Cordel tornou-se relevante meio de transmissão da informação, não somente entre o povo do Nordeste, o berço da sua origem, mas em todo o universo em que ele foi inserido.

As diferentes temáticas que o cordel traz em seu conteúdo faz transmitir informações acerca de assuntos delicados e diversos, como saúde, educação, esporte, gracejos, política etc. fazendo com que essas informações sejam repassadas por qualquer pessoa independente de sua escolarização ou classe social.

Nesse sentido, vemos o cordel como um importante suporte onde a informação que está inserida influencia, e muito, o aluno no seu processo de leitura e conhecimento de mundo. Vale salientar que quando falamos em cordel não estamos nos referindo apenas ao aspecto formal do folheto, mas sim na sua estrutura textual de literatura que pode ser disponibilizada, tanto em forma de folheto impresso, como em outros formatos, como impressos em cordel/livro, e os em formato digitais.

O cordel é escrito para ser lido e cantado. Razão pela qual prende tanta a atenção do leitor ou ouvinte. Feito em versos, e escrito em uma linguagem simples com vocabulário acessível, e uma estrutura rítmica que cativa, a história é narrada como se fosse uma bela canção. Sem que o leitor perceba a dimensão temporal, num instante a aventura já tem terminado. A Literatura de Cordel, uma das mais tradicionais expressões popular, apresenta uma enorme riqueza cultural que pode ser explorada de diferentes maneiras pelas escolas, independente da região em que a esta esteja inserida.

Quando a Literatura de Cordel chega à escola, ela passa a exercer uma função que integra diferentes elementos na estrutura pedagógica, fazendo unir a arte ao professor, à escola ao aluno, e a cultura popular passa a agir nas mais diferentes maneiras, de modo a unir diferentes épocas fazendo um elo até a contemporaneidade, dando possibilidade de contato da linguagem popular com os

acontecimentos reais do cotidiano.

Este contato de proximidade com elementos da realidade do aluno e dos professores traz um enorme benefício para o desenvolvimento da leitura e da escrita; pois a linguagem contida na Literatura de Cordel se assemelha à linguagem do aluno, tornando o texto numa compreensão mais clara do assunto que se lê.

No sentido de estreitar relação do cordel com a escola, fazendo com que o professor utilize o texto da literatura popular como suporte pedagógico para facilitar o processo de leitura, é que foi criado o projeto “O Cordel sem Cordão, um folheto em cada Mão”. Ao propormos este trabalho para os alunos, oportunizou-se um leque de recursos que os ajudaram em várias deficiências de aprendizagem, como a produção textual, a leitura, a escrita, a linguagem não verbal, ao analisarem as estruturas e formas como são construídas as capas dos folhetos, e a apreciação artístico-literária. O projeto também possibilitou ao aluno, o conhecimento da linguagem cordelista, enfocando a cultura nordestina em prol da valorização das nossas raízes.

Ao colocarmos o cordel em sala de aula para que o aluno interagisse com essa forma de literatura, contribuiu-se para que esse aluno tivesse um processo de criação e ação que possibilitasse uma autonomia através da leitura e escrita de cordéis, induzindo-o ao ato reflexivo e investigativo através do uso de processos alternativos de método de leitura e escrita, e assim tivesse também a oportunidade de confrontar ideias e divergências com os temas estudados, construindo mitos e quebrando tabus presentes na leitura e escrita de um folheto de cordel.

Ao adentrarem ao mundo cultural do cordel, os alunos tiveram diversas oportunidades de despertar elementos constituintes do meio pedagógico, entre eles a formação de ser pensante e gerador de conhecimento, a proximidade entre leitor e autor, e principalmente, a conquista de novos conhecimentos.

Quando analisamos os dados e comparamos com as fontes consultadas e juntamos ao conhecimento pessoal de prática de magistério com a experiência de feitura de cordel, constatamos que o cordel pode ser um grande suporte de auxílio para desenvolver experiência com leitura, estimulando a capacidade cognitiva do aluno e o dinamismo do professor em ajustar as suas aulas. O trabalho mostrou que o cordel aliado a uma boa prática de planejamento e dinâmica de trabalho utilizada pelo professor em sala de aula, pode ser um instrumento transformador de ideias, e um forte aliado na composição de projetos que venham despertar no aluno o seu

senso crítico de composição social e política, assim criar motivação para que esse aluno seja agente de suas próprias ações na construção de um mundo ainda melhor, escrevendo a sua própria história, uma história feliz que possa ser, quem sabe, publicada em folhetos de cordel.

As experiências realizadas pelos professores que contribuíram com a feitura deste trabalho mostrou que o cordel cria várias possibilidades para a construção de saberes, pois o seu universo vai além das aulas de português, vai além da sala de aula ou da exposição dos pátios escolares. O cordel vai aonde a imaginação chegar e o professor criativo quiser levá-lo.

Concluimos o nosso trabalho com o sentimento de que agora é que deveríamos estar começando, pois o mundo vasto do cordel nos possibilita as mais diferentes fontes de pesquisa e conhecimento. Leva-nos ao imaginário e faz da nossa realidade um mundo tão pequeno, que a nossa existência se perde na primeira aventura de qualquer cordel. Chegamos ao final de uma etapa, mas acreditamos que estaremos contribuindo para que a leitura seja mais suave, e o aprender seja mais leve, e que o despertar do imaginário do cordel possa levar os nossos alunos a despertarem para a construção de uma realidade mais justa e mais humana, dando-lhes sabedoria para construírem um mundo ainda melhor.

Coloquei nesse projeto
Minha melhor emoção
E dele fiz objeto
De um pouco da criação
Colocando no papel
Uma parte do cordel
Nesse "Cordel sem cordão"
(LUCAROCAS, 2016)

REFERÊNCIAS

- ABAURE, Maria Luiza M. **Literatura Brasileira: Tempos Leitores e Leituras**. São Paulo: Moderna, 2005.
- ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em arte e versos**. São Paulo: Acatu, 2009.
- ALVES, Rubem. **Só aprende quem tem fome**. São Paulo: Nova Escola, 2002.
- AMORIM, Maria Alice. **Existe um novo cordel?**: imaginário, tradição, cibercultura. [2008?]. Acervo Maria Alice Amorim: catálogo de literatura de cordel. Disponível em: < http://www.cibertecadecordel.com.br/pdf/existeumnovo_cordel.pdf>.
- ÂNGELO, Assis. As origens do cordel. **Presença dos cordelistas e cantadores repentistas em São Paulo**. São Paulo: IBRASA, 1996.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto Cá - Filosofia de um trovador nordestino**. Vozes, Petrópolis, 1982.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRANDÃO, Adelino. **Crime e castigo no cordel: (crime e pena no folheto de cordel e no romanceiro folclórico do Brasil)**. Rio de Janeiro: Presença, 1991.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado, 1997.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2001.
- CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos Poetas Populares**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais / MEC/FUNARTE, 1977.
- CASA NOVA, Vera L. C. **Cordel e biblioteca**. Belo Horizonte: UFMG, 1982.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- CASTRO, Carlos de. **Leituras e Escritas em diferentes processos**. Fortaleza, Independente, 1996.

CERQUEIRA, Nelson. **Literatura de Cordel considerada tão importante como a atividade jornalística**. Disponível em <http://jorgeamado-blog.blogspot.com.br/2011/05/literatura-de-cordel-considerada-tao.html>

DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. **Ciclos temáticos na literatura de cordel. Literatura Popular em Versos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1973.

DINIZ, Madson Góis. **Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da cultura popular. Hipertextus: revista digital**. 2007. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo11-madson-gois.pdf>>.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1985.

FREIRE, Wilson. **O cordel e suas histórias: medicina preventiva**. São Paulo: Abooks, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Papéis atribuídos à leitura/audição de folhetos. Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HAURÉLIO, Marco. **A grande travessia do cordel e seus briosos vates pelo gigantesco mar das letras brasileiras. Discutindo Literatura**, São Paulo: 2008.

KUNZ, Martine. **Cordel, criação mestiça**. Revista Cultura Crítica, São Paulo, 2007.

LEMOS, Vicente, **Cantos e Encantos na Poesia Popular**. Fortaleza: RDS Editora, 2012.

LIMA, Lucia Maria, **Histórias de uma vida não publicada**. Fortaleza: Lucarocas Artes e Letras, 2014.

LINHARES, Thelma R. S. **A história da Literatura de Cordel**. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br>>.

LOPES, José Ribamar (Org.). **Literatura de cordel: antologia**. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

LUCAROCAS - **Amazônia Não senhor - Cordel** – Fortaleza: Lucarocas Artes e Letras, 2000.

_____ – **Introdução à Feitura do Cordel** – Fortaleza: Lucarocas Artes e Letras, 2010.

_____, **Carrossel Mata Criança** – Cordel – Fortaleza: Lucarocas Artes e Letras, 1991.

_____, **Quando morre a experiência, toda pobreza se instala**. Cordel - Fortaleza: Lucarocas Artes e Letras, 1991.

_____, **O Lenhador e a Morte**. Cordel – Fortaleza: Lucarocas Artes e Letras, 1997.

_____, **Reclame de Trabalhador**. Cordel – Fortaleza, Lucarocas Artes e Letras, 1996.

_____, **Amazônia Não Senhor**. Cordel – Fortaleza, Lucarocas Artes e Letras, 2000.

LUCIANO, Aderaldo. **Literatura de cordel, literatura brasileira**. Revista Cultura Crítica, São Paulo, 2007.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007

MATOS, Edilene. **Folhetos de literatura de cordel**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1976.

_____. **Literatura de cordel: a escuta de uma voz poética**. Revista Cultura Crítica, São Paulo, 2007.

MARINHO, Ana Cristina. **O Cordel no cotidiano escolar** / Ana Cristina Marinho, Hélder Pinheiro. São Paulo: Cortez 2012.

MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MILANESI, Luís. A cultura do centro. **A casa da invenção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **O jeito nordestino de ser globalizado**. 2005. 193 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: <http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=149>.

OLIVEIRA, Carlos Jorge Dantas de. **História da Literatura de Cordel: período de formação**. Fortaleza, FGF, 2015.

OLIVEIRA, Marcus José Fernandes de. **Vinte e dois contos de Severino**. Fortaleza: Premius, 2015.

PAGLIUCA, Lorita. **Literatura de cordel: veículo de comunicação e educação em saúde**. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, 2007.

PINTO, Maria Rosário. **A evolução da Literatura de cordel**. In: INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL. **O universo do cordel**. Recife: Banco Real, 2008.

REIBAMAR, Lopes José de, org. **Literatura de Cordel – Antologia**. Fortaleza: BNB 1982.

SILVA, Antonio Gonçalves. **Ispinho e Fulô**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1988.

SILVA, Silvio Profírio da. **Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade**. Dourados: Raídos, 2010.

SOUSA, Diógenes Lycarião B. de. **Ciber-Cordel: uma expressão contemporânea da dinâmica da Literatura Popular em verso**. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 12., 2007, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007. p. 1-10. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/9/90/GT8-_08-_Ciber-Cordel_-_Diogenes.pdf>.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas: literatura de folhetos do nordeste: 1893-1930**. São Paulo: Global, 1983.

VASQUEZ, Pedro Afonso. **O universo do cordel**. In: INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL. **O universo do cordel**. Recife: Banco Real, 2008.

VIANA, Erievaldo. **Literatura de Cordel e Escola**. Salto para o Futuro. TV Escola, 1982.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Magia e Técnica, Arte e Política de Walter Benjamin – Editora Brasiliense – 3ª Ed. 1987.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

**APÊNDICE A – POEMA CONVITE ENVIADO AOS PROFESSORES OS
CONVIDANDO PARA PARTICIPAR DO PROJETO
O CORDEL SEM CORDÃO UM POEMA EM CADA MÃO**

Dissertação de Mestrado de Luis Carlos Rolim de Castro - Lucarocas



POEMA CONVITE

Autor: Lucarocas

Estimado professor
Receba minha saudação
Por saber do seu valor
No fazer da educação
É que quero convidar
Pra você participar
Da minha “pesquisa-ação”.

A minha dissertação
Pro projeto de Mestrado
Tem uma linha de ação
Para o assunto estudado
Que valoriza o papel
Da leitura do Cordel
Para qualquer alunado.

E o tema pesquisado
Pra ter devido valor
Deve ser acompanhado
Por mais de um professor
Por isso o fiz escolhido
E aqui então convido
Pra ser colaborador.

E todo aquele que for
No projeto se engajar
O fará em seu labor
Nas salas que lecionar
Só fazendo ajustamento
Para em seu planejamento
O projeto se encaixar.

Nada terá que gastar
Com qualquer material
Pois tudo que for usar
Receberá no local
E poucas informações
Terão suas transmissões
De maneira virtual.

Mas de um modo geral
Dentro do planejamento
Será mais presencial
Todo nosso entendimento
E de modo mais concreto
Em toda ação do projeto
Farei acompanhamento.

Seja qual for o momento
Lhe darei toda atenção
Para dar prosseguimento
Nesse “Cordel sem Cordão”
Eu até vou visitar
As turmas para encontrar
“Um folheto em cada mão”.

E havendo aceitação
Para essa nova empreitada
Me sirvo de gratidão
Pela missão aceita
E garanto que a investida
Fará bem pra sua vida
Em toda sua caminhada.

Além de ver registrada
Sua ajuda em meu projeto
Sua ação será lembrada
Com amizade e afeto
E juntos na nossa história
Vamos guardar na memória
Um trabalho bem completo.

E com o peito repleto
De um cumprir de dever
O seu nome bem completo
Vou no trabalho escrever
E assim no meu mestrado
Vai ter seu nome grafado
No modo de agradecer.

E tudo assim vou fazer
Em grande agradecimento
Pois você fui escolher
Para esse engajamento
Num projeto de leitura
Que com a literatura
Terá grande seguimento.

E nesse procedimento
Sem trazer nada em malocas
Deixo nesse documento
Umhas ideias de trocas
E sendo o convite aceito
Receba aqui com respeito
Um abraço do Lucarocas.

Fortaleza, 22 de Fevereiro de 2016.

Assinatura do Professor Colaborador

APÊNDICE B – TD PARA ESTUDO COM ALUNOS ENVOLVIDOS NO PROJETO CORDEL - LINGUAGEM DO POVO LINGUAGEM DA GENTE (Lucarocas*)

O Cordel Sem Cordão



Um Folheto
Em Cada Mão.
Lucarocas

Material básico para o estudo de Cordel para o projeto
“O Cordel sem Cordão, um Folheto em cada Mão”.

Nascida do povo e por ele realizada, a Literatura de Cordel corresponde às necessidades de informação, comentário, crítica da sociedade e poesia do mesmo povo que a concebe e consome.
(Jorge Amado)

Referências Históricas

O Cordel é uma poesia narrativa, popular, impressa, definição dada pelo professor Raymond Cantel, e é assim denominada de Literatura de Cordel por essa ser a forma como eram vendidos os folhetos, dependurados em barbantes (cordão). Hoje já não se usa tanto esse tipo de exposição para os folhetos vendidos nas feiras, praças e bancas de jornal. Essa denominação foi dada pelos intelectuais e é como aparece em alguns dicionários. Para muitos a Literatura de Cordel é conhecida apenas como Folheto. Particularmente, já grafo em alguns dos meus folhetos a expressão Literatura Popular Brasileira.

Segundo a tradição, essas publicações populares, geralmente escritas em versos, vêm da Europa, embora alguns estudiosos contemporâneos contestem essa versão. No século XVIII, já era comum entre os portugueses a expressão literatura de cego, por causa da lei promulgada por Dom João V, em 1789, que permitia à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar com esse tipo de publicação.

A Literatura de Cordel não é encontrada apenas no Brasil, mas, também, na Sicília (Itália), na Espanha, no México e em Portugal. Na Espanha é chamada de *pliego de Cordel* e *pliegos sueltos* (folhas soltas). Em todos esses locais há literatura popular em versos.

Segundo os historiadores, os folhetos foram introduzidos no Brasil pelo cantador Silvino Pirauá de Lima e depois pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. No início da publicação dos folhetos de Cordel no país, muitos autores eram também cantadores repentistas, que improvisavam versos, viajando pelas fazendas, vilarejos e pequenas cidades do sertão nordestino.

Com a criação de tipografias particulares em casas e barracas de poetas, mudou o sistema de divulgação. O autor do folheto podia ficar num mesmo lugar a

maior parte do tempo, porque suas obras eram vendidas por folheteiros ou revendedores empregados por ele.

Quando surgiu o Cordel o poeta popular era considerado um representante do povo, o repórter dos acontecimentos da vida no Nordeste do Brasil, ele usava a linguagem do povo para melhor ser entendido, por isso em alguns folhetos eram encontrados textos com a linguagem “matuta”, isso não quer dizer que o poeta não conhecesse a linguagem culta da língua. Vamos encontrar um exemplo bem significativo nos textos do poeta Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré.

Ao contrário do que muitos pensavam os poetas cordelistas não eram iletrados, cada um tinha a seu grau de conhecimento escolar e de mundo. Hoje encontramos muitos escritores de cordel que possuem, em sua formação, cursos de graduação superior, alguns com especialização, mestrado e doutorado.

Não há limite na escolha dos temas para a criação de um folheto. Nos Cordéis vamos encontrar narrativas que falam desde os feitos de Lampião, aos acontecimentos políticos atuais, passando pelos temas fantasiosos que são criados no imaginário do poeta, a textos inspirados em situações reais.

Hoje encontramos poetas cordelistas que escrevem histórias destinadas a crianças e adolescentes, buscando uma característica fabulosa, onde encerra sempre uma lição de vida.

A literatura popular em versos do Nordeste brasileiro pode ser classificada em diversos ciclos, dentre eles o heróico, o maravilhoso, o religioso ou moral, o satírico e o histórico.

A Literatura de Cordel teve um bom mercado de consumo na década de cinquenta quando foram impressos e vendidos cerca de dois milhões de folhetos sobre a morte de Getúlio Vargas, num total de sessenta títulos. Talvez tenha sido a maior venda de folhetos sobre um mesmo tema, que se tenha conhecimento.

Houve um período que se chegou a se cogitar “a morte do cordel” quando pouco se ouvia falar em alguém escrevendo, publicando ou divulgando os folhetos. No entanto houve uma retomada de mercado, quando o Cordel passou a ser introduzido nas escolas, e é utilizado como recurso metodológico para despertar o gosto pela leitura. Surge daí a necessidade de expandir a informação sobre a Literatura de Cordel, momento em que são organizadas palestras e oficinas nas

escolas, principalmente no Nordeste. Essas ações vêm trazer ao Cordel um novo perfil de valorização e um respeito manifesto pela crítica literária.

A formação de alguns grupos contribuiu para reforçar a nova fase do Cordel. Só com sede em Fortaleza - Ceará tem o CECORDEL (Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste), PROCORDEL, AESTROFE, além de algumas na região metropolitana. Pelo país afora existem muitas associações e academias de Cordel sendo a mais representativa a ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel).

Com a chegada da Literatura de Cordel às escolas apareceram pontos de vendas de folhetos, e hoje os folhetos podem ser encontrados em alguns mercados públicos, bancas de revistas, feiras, e em algumas lojas virtuais.

Para ter mais informações, encontramos na internet vários sites que fazem referências à Literatura de Cordel, em alguns deles é possível encontrar textos completos sobre os mais variados temas. (Veja: www.lucarocas.com.br)

A Feitura do Cordel

O Texto do Cordel

No Brasil, a forma predominante do texto de Cordel é em versos, embora haja notícias da existência de folhetos populares escritos em prosa.

O fato de ser escrito em forma de verso, com estrofes, métrica e rimas constantes, além de mais estético, torna o texto mais agradável de ler, ouvir e cantar. É importante observar que, apesar de ser literatura escrita, os folhetos são a forma gráfica de uma poesia essencialmente oral.

As estrofes mais usadas nos folhetos populares são a sextilha, septilha e a décima. Essas são as três mais utilizadas dentre os muitos "gêneros" da cantoria popular de viola. A sextilha, estrofe de seis versos, é a forma popular dos desafios e dos romances publicados em todo o Brasil.

A sextilha possui a seguinte disposição de rimas: ABCBDB. Rimas nos versos pares.

Sextilha

1º Verso - Aquele que se interessa (A)

2º Verso - Em ser um dia escritor (B)

3º Verso - Tem que fazer da vontade (C)

4º Verso - Um ato laborador (B)

5º Verso - E reforçar sua crença (D)

6º Verso - Na ação de ser leitor. (B)

(LUCAROCAS, Estrofe do Folheto Um Cordel de A a Z, Apontares do Fazer)

A septilha é oriunda da sextilha com o acréscimo de um verso rimando com o quinto: ABABCCB.

Septilha

1º Verso - Se poeta é ser artista (A)

2º Verso - Das letras e emoções (B)

3º Verso - Da alma apurar a vista (A)

4º Verso - Pra visitar corações (B)

5º Verso - E depois com sentimento (C)

6º Verso - Eternizar o momento (C)

7º Verso - Nas mais sonoras canções. (B)

(LUCAROCAS, Estrofe do poema O poeta e a poesia)

Observação: Particularmente utilizo septilhas com rimas no 1º e 3º versos, feito não utilizados por muitos poetas devido a dificuldade de construção de estrofes.

As décimas são constituídas de dez versos de sete sílabas rimando, obrigatoriamente, da seguinte maneira: ABBAACCCDDC. Nos folhetos de peleja encontra-se com mais frequência a presença de outros gêneros como o Martelo, a Parcela, o Quadrão etc.

1º Verso - A porta do céu se abriu (A)

2º Verso - Pra preencher uma lacuna (B)

3º Verso - Pois Adriano Suassuna (B)

4º Verso - Na terra a missão cumpriu (A)

5º Verso - E logo pra o céu subiu (A)

6º Verso - Para seguir novo plano (C)

7º Verso - Da terra do ser humano (C)

8º Verso - Ele vai pra eternidade (D)

9º Verso - **O povo sente saudade** (D)

10º Verso - **Da cultura de Ariano.** (C)

(LUCAROCAS, Estrofe do folheto O Povo Sente Saudade da Cultura de Ariano)

Aspectos Formais do Cordel

Os folhetos de cordel são, em sua originalidade, impressos em folhas de papel jornal através de tipografias de impressão manual. Com a nova tecnologia, encontramos folhetos reproduzidos através de fotocópias e impressões digitais, impressos em papel ofício de cor branca em seu miolo, e papel colorido em suas capas. Particularmente, utilizo como padrão papel A4 com impressão a *laser* de cor preta para o miolo em papel branco, e para as capas a impressão em papel colorido. Muitas dessas publicações são feitas pelos próprios autores, haja vista que as gráficas já não se interessam por este tipo de publicação.

A paginação dos folhetos obedece a uma sequência múltipla de 8, assim temos folhetos com 8, 16, 24, 32, 40 e 48 páginas. Isso se dá devido ao tamanho “base” de um folheto corresponder a um quarto de uma folha tamanho ofício (hoje padrão A4). Essa folha é duplamente dobrada formando um folheto de oito páginas, os demais folhetos são encadernados a partir de tamanho múltiplo do original.

Vale salientar que com a propagação do cordel nas escolas, algumas editoras utilizam os textos de cordel e publicam em forma de livros com ilustrações e capas que fogem ao padrão do folheto, mas que não deixa de ser cordel, pois a característica dessa literatura está no formato textual, e não na maneira como o texto é publicado.

As Capas dos Folhetos

Os cordéis mais antigos tinham as capas ilustradas apenas com vinhetas – arabescos usados nas tipografias do interior nordestino. A partir da década de trinta, surgiram os folhetos estampando nas capas clichês com fotos de artistas de cinema, fotos de postais, retratos de Padre Cícero e Lampião.

Um elemento representativo para a identificação da Literatura de Cordel foi, sem dúvida, a aplicação da xilogravura em suas capas. A xilogravura é um processo de gravação em relevo que utiliza a madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. Muitos autores faziam os seus “tacos” usando madeiras leves como a umburana, pinho, cedro e o cajá.

As xilogravuras ou “tacos”, só aparecem com regularidade nas capas de cordel a partir da década de quarenta, mas resistem ao tempo, e até hoje, ainda são vistas ilustrando os mais diversos tipos de folhetos.

Embora resista ao tempo, a xilogravura por ser um trabalho artesanal, portanto lento, tem ficado em segundo plano na hora de uma escolha de ilustração de capa de cordel, isso se dá devido a agilidade e precisão em que os assuntos de cordel são tratados e lançados ao mercado, por estas razões a arte computadorizada tem ilustrado a maioria das capas dos folhetos atuais.

Como vimos, o Cordel tem um mundo fascinante de possibilidades que encanta e fantasia, e você que está adentrando a esse mundo de uma literatura magnífica, fique a vontade para buscar as diferentes fontes que contribuirão para afirmar que o Cordel é uma linguagem do povo, uma linguagem da gente.

(*) Luis Carlos Rolim de Castro (LUCAROCAS), Comunicólogo, Professor e Poeta. Natural de Fortaleza – CE. Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio e em Administração Escolar. Mestrando em Artes pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

Lucarocas é membro do Centro de Cordelista do Nordeste – CECORDEL, e da AMLEF – Academia Metropolitana de Letras de Fortaleza, coordenador do PRÓ-CORDEL – O Cordel em Movimento.

Tem quatro livros publicados e mais de 200 títulos de Literatura de Cordel, dentre eles, cinco premiados em concursos literários.

Escreve para blogs, revistas e jornais. Tem participação em vários programas de televisão de emissoras do Ceará e de outros estados.

Mantém o site “Lucarocas.com.br”, os blogs “Vídeo Web Lucarocas”, Lucarocas Poeta”, “O Lenitivo”, “Prazer de Amar”, “A Bodega do Lucarocas” além da Rádio Web “Lucarocas Artes e Letras”.

Faz recitais e performances poéticas. Dentre os seus espetáculos estão a Mala de Prosa e Verso, A Palavra Rimada. Como declamador participa de Congressos, Seminários, Feiras Literárias e Bienais do Livro por todo país.

Tem material registrado em Livros, CD’s, DVD’s e nas mídias sociais.

No campo das Artes, destaque para a Pintura, Escultura, Serigrafia e Xilogravura.

Referências

CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos Poetas Populares**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais / MEC/FUNARTE, 1977.

DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. **Ciclos temáticos na literatura de cordel: Literatura Popular em Versos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1973.

LEMOS, Vicente, **Cantos e Encantos na Poesia Popular**. Fortaleza – Ceará. RDS Editora, 2012.

LINHARES, Thelma R. S. **A história da Literatura de Cordel**. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.gov.br>>.

LUCAROCAS – **Um Cordel de A a Z, Apontares do Fazer** – Folheto de Cordel. Fortaleza. Lucarocas Artes e Letras, 2015.

_____. **Introdução à Feitura do Cordel**. Fortaleza: Lucarocas Artes e Letras. 2010.

_____. **O Povo Sente Saudade da Cultura de Ariano** – Folheto de Cordel - Fortaleza: Lucarocas Artes e Letras Fortaleza. 2014.

MATOS, E. (Org.). **Folhetos de literatura de cordel**. Salvador - Bahia: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1976.

REIBAMAR, Lopes José de, org. **Literatura de Cordel – Antologia**. Fortaleza: BNB, 1982.

APÊNDICE C – BASE DE REFERÊNCIA AO ESTUDO DO CORDEL

O Cordel Sem Cordão



Um Folheto
Em Cada Mão.
Lucarocas

Material básico para o estudo de Cordel para o projeto

“O Cordel sem Cordão, um Folheto em cada Mão”.

Entendendo a Linguagem

Ao nos deparar com a definição do Cordel como sendo uma “**Poesia Narrativa**” nos vem a vontade de melhor conhecer essa definição, sendo assim, vamos a alguns pontos de esclarecimentos:

1- Vamos começar pela expressão “Narrativa”.

Nar-ra-ti-va (feminino de narrativo) substantivo feminino:

1. Ato de Narrar – Narração

2. História contada por alguém

3. Obra literária, geralmente em prosa, em que se relata um acontecimento ou um conjunto de acontecimentos, reais e imaginários, com intervenção de uma ou mais personagens e num tempo determinados.

Como vimos a definição de “Narrativa” nos remete a outras informações, dentre elas os Elementos da Estrutura da Narrativa.

Ao falarmos em narração, logo nos remete à ideia do ato de contar histórias, sejam estas verídicas ou fictícias.

E para que essa história seja dotada de sentido, ela precisa atender a critérios específicos no que se refere aos seus elementos constitutivos. Dentre eles destacam-se:

Espaço - É o local onde acontecem os fatos, onde as personagens se movimentam. Existe o espaço “físico”, que é aquele que caracteriza o enredo, e o “psicológico”, que retrata a vivência subjetiva dos personagens.

Tempo - Caracteriza o desencadear dos fatos. É constituído pelo **cronológico**, que, como o próprio nome diz, é ligado a horas, meses, anos, ou seja, marcado pelos ponteiros do relógio e pelo calendário.

O outro é o **psicológico**, ligado às lembranças, aos sentimentos interiores vividos pelos personagens e intrinsecamente relacionados com a característica pessoal de cada um.

Personagens - São as peças fundamentais, pois sem elas não haveria o próprio enredo.

Há a predominância de personagens que se destacam pelos atos heróicos, chamadas de principais, outras que se relacionam pelo seu caráter de oposição, as antagonistas, e as secundárias, que não se destacam tanto quanto as primárias, funcionando apenas como suporte da trama em si.

Narrador - É aquele que narra a história, atuando como um mediador entre a história narrada e o leitor/ouvinte. Classifica-se em três modalidades:

Narrador-personagem - Ele conta e participa dos fatos ao mesmo tempo. Neste caso a narrativa é contada em 1ª pessoa.

Narrador-observador - Apenas limita-se em descrever os fatos sem se envolver com os mesmos. Aí se predomina o uso da 3ª pessoa.

Narrador Onisciente - Esse sabe tudo sobre o enredo e os personagens, revelando os sentimentos e pensamentos mais íntimos, de uma maneira que vai além da própria imaginação. Muitas vezes sua voz se confunde com a dos personagens, é o que chamamos de Discurso Indireto Livre.

Todos estes elementos correlacionam entre si, formando o que denominamos de **enredo**, que é o desencadear dos fatos, a essência da história, a qual se constituirá para um desfecho imprevisível que talvez não correspondam às expectativas do leitor.

Este, portanto, poderá ser **triste, alegre, cômico ou trágico**, dependendo do ponto de vista do narrador.

Um bom texto de cordel traz presente todos ou a maioria dos elementos da estrutura narrativa, e obedecem a uma linha narrativa com início, meio e fim.

A expressão "**Poesia**" traz um significado bastante abrangente:

Po-e-si-a

(latim *poesis*, *is*, do grego *poíesis*, fabricação, composição, criação) *substantivo feminino*

1. Arte de fazer obras em verso.
2. Gênero de composição poética, geralmente em verso.
3. Conjunto das obras em verso existentes numa língua.
4. Composição poética pouco extensa.
5. Maneira de fazer versos, particular a um autor, a um povo, a uma época, a uma escola literária (ex.: *poesia portuguesa*; *poesia renascentista*).

6. Qualidade dos versos.

87

7. Inspiração.

8. Elevação de ideias.

9. O que desperta o sentimento do belo.

Há pessoas que confundem expressões que levam a uma compreensão inadequada ao texto. Para facilitar a compreensão do texto de Cordel, listamos algumas expressões:

Texto - conjunto de parágrafos organizados numa sequência lógica de ideias. O aspecto formal do texto pode ser em prosa ou verso. De uma maneira geral o Cordel é escrito em versos.

Prosa: é o texto escrito com linhas contínuas formando os parágrafos. Não confundir com a expressão popular que remete a palavra “prosa” a uma conversa.

Parágrafo: conjunto de frases, orações e períodos ou pequena parte ou seção de discurso, capítulo, texto etc., que forma sentido completo.

Verso: é cada linha de um poema. Ao conjunto de verso dá-se o nome de **Estrofe**. Há na feitura do Cordel o uso de diferentes tipos de estrofes, sendo as mais usuais as sextilhas e as setilhas.

Poema: é o texto composto com versos. Nem sempre há poesia nos poemas.

Poesia: é o sentimento e a emoção transmitidos pelo texto. Há poesia tanto no texto em verso com no texto em prosa.

Autor: aquele que produz o texto, quanto em prosa como em versos. O autor que escreve Cordel é chamado de **Cordelista**. Antigamente esse tipo de escritor trazia a denominação de “Poeta de Bancada”, pois o mesmo parava para elaborar os seus versos, deferente dos poetas repentistas que fazer os versos de improviso.

Voz poética, voz lírica, eu poético ou eu lírico – é a voz que fala no poema. Não confundir com quem escreve o poema.

Capas e Títulos dos Folhetos

O título e a capa do folheto são importantes elementos que chamam a atenção do leitor para que este busque a sua leitura.

88

Embora alguns folhetos tragam em suas capas estampas em xilogravuras, hoje está mais em uso imagens feitas em programas de computador, ou retiradas da internet.

Os modelos de capas, de um modo geral, trazem na ilustração imagens que correspondem ao conteúdo do folheto. Muitas dessas imagens possuem traços de desenhos, já outras, porém, reproduzem a fotografia.



Capa com desenho



Capa com Fotografia

Elementos que de devem constarem, obrigatoriamente, na capa do folheto são o título e o nome do autor. Em alguns folhetos encontramos a data de publicação e a expressão "Literatura de Cordel", particularmente tenho utilizado e expressão "Literatura Popular Brasileira".

Quanto ao título, este deve ter uma expressão curiosa que chame a atenção do leitor, e que faça referência ao conteúdo. O Folheto "O Pastor que comia as ovelhas da Igreja" poderia ter seu título substituído por "O Pastor Bonzinho", pois o seu conteúdo não traz nada que desabone o tema em questão, mas se trouxesse o título de "O Pastor Bonzinho" não chamaria tanta a atenção do leitor.

Um espaço que deve ser bem aproveitado no folheto do Cordel é a sua contra capa. Antigamente, e raramente hoje, este espaço era preenchido com as informações de pessoas ou empresas patrocinadoras da publicação dos folhetos. Atualmente, dependente de quem publica, este espaço serve para informar sobre o autor trazendo uma foto e uma pequena biografia, assim com os seus contatos. Já tem autores que preferem divulgar neste espaço trabalhos já publicados. Na verdade a contra capa é um espaço que não deve ficar em branco, pois ele torna-se uma extensão do folheto.

Acredito que com essas informações você ficará bem mais atento ao ler e trabalhar com o cordel.

89

APÊNDICE D – ATIVIDADE SOBRE O CORDEL O LENHADOR E A MORTE

Material básico para o estudo de Cordel para o projeto

“O Cordel sem Cordão, um Folheto em cada Mão”.

PRIMEIRA LEITURA

Caro(a) aluno(a),

Depois do contato com o Cordel, e conhecermos um pouco a sua história chegou o momento de nos depararmos com algumas questões específicas do tema e, através da leitura do folheto “O Lenhador e a Morte” vamos verificar até que ponto você interagiu com essa linguagem, para tanto, gostaria que você respondesse, conscientemente, as questões que seguem.

Para facilitar colocamos questões de múltiplas escolhas, e um gabarito para você transferir as respostas. Uma cruzadinha também constará dessa atividade. Você pode consultar o folheto.

Grato por sua colaboração.

Um cordial abraço,

Lucarocas

ATIVIDADE

Baseado na leitura do folheto “O Lenhador e a Morte”, responda as questões abaixo marcando apenas uma das alternativas.

1 – Na capa do folheto encontramos uma imagem do Lenhador num encontro com a Morte. Através dessa imagem podemos afirmar que a capa é composta por: (01)

- a) () Arte de xilogravura e arte computadorizada.
- b) () Imagem de foto colhida na internet.
- c) () Xilogravura adaptada impressa em tipografia.
- d) () Desenho criado para a capa do cordel.

2 – Como sabemos, os cordéis são escritos em versos que formam estrofes. No cordel em questão podemos afirmar que possui: (01)

90

- a) () Vinte e duas estrofes com seis versos cada.
- b) () Vinte e uma estrofes com sete versos cada.
- c) () Vinte e duas estrofes com sete versos cada.
- d) () Vinde e dois versos com sete estrofes cada.

3 – A Métrica é o “tamanho” do verso e Estrofe é o conjunto de versos. Baseado nessa informação é possível afirmar que no folheto em questão temos: (01)

- a) () Estrofes de 6 sílabas e versos 5 estrofes.
- b) () Versos de 7 sílabas e estrofes de 7 versos.
- c) () Versos de 6 sílabas e estrofes de 7 versos.
- d) () Versos de 7 sílabas e estrofes de 6 versos

4 – Antes da leitura do folheto o leitor pode deduzir, através do título, que: (01)

- a) () O lenhador vai morrer.
- b) () O lenhador está sonhando.
- c) () A morte não aparecerá.
- d) () A morte e o lenhador são amigos.

5 – No primeiro verso do texto o autor apresenta um dos personagens, o Zé da Lenha. Marque a melhor opção que justifica o sobrenome do personagem. (01)

- a) () Era preguiçoso e não gostava de trabalhar.
- b) () Tinha preguiça de carregar lenha.
- c) () Era muito magrinho para tanto peso.
- d) () Era um forte cortador de lenha.

6 – Marque a melhor opção para o significado da palavra “lenha”. (01)

- a) () Madeira velha sem utilidade.
- b) () Madeira onde passarinho faz ninho.

- c) () Pedaco de madeira para queimar.
- d) () Árvore verde nas grandes matas.

91

7 – Na estrofe de número cinco o Zé da Lenha fazia reclamação sobre: (01)

- a) () A falta de dinheiro e comida.
- b) () Do machado e por se sentir cansado.
- c) () Por Deus ter lhe abandonado.
- d) () Por não ter tanta lenha para cortar.

8 – As palavras “**açoite**” e “**escarcéu**” que estão na estrofe de número onde tem os melhores significados, respectivamente, em: (01)

- a) () Pancada - Alvorço
- b) () Silêncio - Calmaria
- c) () Palavra - Animação
- d) () Alvorço - Chamamento

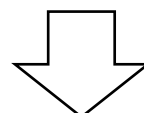
9 – Quando a Morte aparece para o Zé da Lenha ele demonstra que sentimento: (01)

- a) () Alegria e felicidade
- b) () Pavor e coragem
- c) () Coragem e medo
- d) () Medo e arrependimento

10 – A história do Zé da Lenha mostrou que ele: (01)

- a) () Enganou a morte.
- b) () Nunca mais quis cortar lenha.
- c) () Ficou triste e morreu.
- d) () Trocou de machado e comprou um novo.

Agora que você resolveu as questões,
transfira para o gabarito as suas respostas.



Preencha a letra correspondente à resposta certa da questão.

GABARITO

Questões	Respostas			
01	A	B	C	D
02	A	B	C	D
03	A	B	C	D
04	A	B	C	D
05	A	B	C	D
06	A	B	C	D
07	A	B	C	D
08	A	B	C	D
09	A	B	C	D
10	A	B	C	D

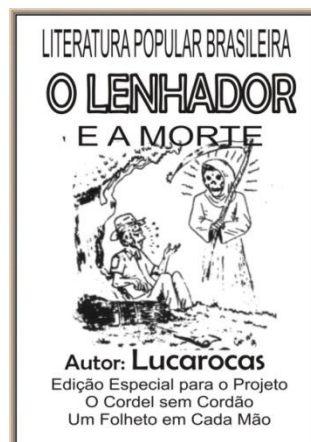
11- Escreva abaixo sobre o que mais lhe chamou a atenção no folheto O Lenhador e a Morte. (02)

CRUZADINHA

Responda as questões abaixo com uma única palavra colocada em cada espaço. (08)

- 1 – Autor do folheto O Lenhador e a Morte.
- 2 – Atividade do personagem principal do texto.
- 3 – Material buscado na mata pelo lenhador.
- 4 – Utensílio utilizado pelo lenhador.
- 5 – Como o lenhador gostava do seu instrumento de trabalho.
- 6 – O sentimento do lenhador ao encontrar a morte.
- 7 – Quem veio buscar o lenhador.
- 8 – O que fez o lenhador quando percebeu a presença do inimigo.

1 L
2 E
3 N
4 H
5 A
6 D
7 O
8 R



APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO: PERCEPÇÃO DO ALUNO
O CORDEL SEM CORDÃO, UM FOLHETO EM CADA MÃO

PRIMEIRAS PALAVRAS

Caro(a) Aluno(a),

Grato por fazer parte do Projeto “O Cordel sem Cordão, um Folheto em cada mão”. Graças a sua participação é que podemos melhorar ainda mais o nosso trabalho.

Você está recebendo um questionário que pretende colher informações sobre a sua participação nas aulas que envolveram o Cordel, é necessário que você responda as questões com seriedade e segurança para que possamos colher o máximo de fidelidade possível das informações.

Fraterno Abraço,

Grato mais uma vez.

Lucarocas,

Poeta e Comunicólogo

1 – Antes de trabalhar com o Cordel em sala de aula, você já tinha tido contato com esse tipo de literatura? Comente.

2 – Como foi o seu primeiro contato com Cordel, e o que achou dessa experiência?

3 – Você tem algum parente ou amigo que tem contato com o Cordel? Se “Sim”, comente.

4 – Você lembra qual foi o primeiro folheto ou texto de Cordel que você teve contato? Se “Sim”, comente.

5 – Na sala de aula, qual foi o primeiro Corel que você leu? O quê você achou?

6 – Como você reagiu (se sentiu) ao fazer atividades utilizando Literatura de Cordel?

95

7 – Você acha que a atividade que você fez utilizando o Cordel lhe motivou a ler novos folhetos e/ou a outros textos? Justifique.

8 – Você teve algum interesse em aumentar o seu conhecimento sobre a história da Literatura de Cordel? Por quê?

9 – Você acredita que trabalhar com a Literatura de Cordel melhorou o seu desempenho na sua prática de leitura e/ou escrita?

10- Você faria, novamente, atividades utilizando o Cordel? Justifique.

11 – Durante suas atividades com o Cordel o que mais lhe chamou a atenção?

12 – Você, quando participou das atividades com a Literatura de Cordel, teve interesse em escrever cordel? Justifique.

13– Faça um comentário sobre o Projeto “O Cordel sem Cordão”.

14 – Você acha que a Literatura Popular Brasileira, a Literatura de Cordel deveria se tornar estudo obrigatório nas aulas de Língua Portuguesa? Comente.

15 – Acrescente algum comentário que achar necessário para completar suas informações.

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO: OLHAR DO PROFESSOR

O CORDEL SEM CORDÃO,
UM FOLHETO EM CADA MÃO

PRIMEIRAS PALAVRAS

Caro(a) Professor(a),

Grato por aceitar fazer parte do Projeto O Cordel sem Cordão, um Folheto em cada mão. Graças a pessoas como você é que fazemos o nosso trabalho ainda melhor.

Você está recebendo um questionário que pretende colher informações sobre o seu trabalho com a Literatura de Cordel em sala de aula, faz-se necessário que haja justeza em suas respostas para que possamos colher o máximo de fidelidade possível nas informações.

Sinta-se à vontade para dar suas respostas da melhor maneira que lhe convier.

Fraterno Abraço,

Grato mais uma vez.

Lucarocas

1 – Antes de trabalhar com o Cordel em sala de aula, você já tinha tido contato com esse tipo de literatura? Comente.

2 – Como foi o seu primeiro contato com Cordel, e o que achou dessa experiência?

3 – Você tem algum parente ou amigo que tem contato com o Cordel? Se “Sim”, comente.

4 – Você lembra qual foi o primeiro folheto ou texto de Cordel que você teve contato? Se “Sim”, comente.

97

5 – Na sala de aula, como foi o seu primeiro trabalho com o Cordel?

6 – Como os alunos reagiram às atividades utilizando Literatura de Cordel?

7 – Qual a dinâmica que você utilizou para trabalhar com os textos de Cordel?

8 – Você acha que a atividade feita com os alunos utilizando o Cordel os motivou à leitura de novos folhetos e/ou a outros textos?

9 – Houve algum interesse dos alunos em aumentar o conhecimento sobre a história da Literatura de Cordel?

10 – Você acredita que trabalhar a Literatura de Cordel com os seus alunos melhorou o desempenho deles na prática de leitura e/ou escrita?

11- Você trabalharia, novamente, com Cordel em sua disciplina? Justifique.

12 – Você acha que o Cordel poderia ser utilizado como recurso didático em outras disciplinas, além da Língua Portuguesa e Literatura? Justifique.

13 – Durante a execução do Projeto “O Cordel sem Cordão, um Folheto em cada mão”, o que mais lhe chamou a atenção?

14 – Você percebeu se, durante a realização do projeto, houve algum aluno que se interessou e mostrou-se com vontade de escrever cordel?

15 – Teça um comentário sobre o Projeto “O Cordel sem Cordão”.

16 – Qual sua opinião sobre o projeto “O Cordão sem cordão” ser levado a outras escolas.

17 – Em sua opinião, qual a importância da Literatura de Cordel tem hoje no contexto literário brasileiro.

98

18 – Você acha que a Literatura Popular Brasileira, a Literatura de Cordel deveria se tornar estudo obrigatório nas aulas de Língua Portuguesa? Comente.

19 – Acrescente algum comentário que achar necessário para completar suas informações.